

ANO VIII - Nº 38 - MAR. 1988 - SÃO PAULO - BRASIL - Cz\$ 100,00

ASSINATURA MAR/88 - 600,00

# MÍDIA: NÃO ENTRE NESSA ONDA

*pgs. 3 a 6*

## Palestinos, negros e prostitutas: a marginalização em comum

*pgs. 7 a 13*

## É possível juntar luta de classes e tesão?

*pg. 11*

## Hortência conta porque tirou a roupa e gostou

*pg. 15*



*Ilustração Sandra Moraes*

De  
Dentro

### Objetivos em comum

Estamos interessados em receber regularmente o jornal **Mulherio**. Desenvolvemos um trabalho social em diversas favelas do Rio de Janeiro, envolvendo projetos dirigidos a grupos de mulheres. Gostaríamos de iniciar uma troca de publicações, uma vez que temos muito em comum em nossos objetivos.

Secretaria Municipal de Desenvolvimento do Rio de Janeiro

### PONTOS DE VENDA

#### BAHIA

Livraria Freitas Kanitz  
R. Afonso Celso, 46, Barra, Salvador

#### DISTRITO FEDERAL

Delzeni Ribeiro: SDS Edifício Miguel Bardi, sala 402, fone (061) 226-0482, Brasília

#### Livraria

Sodiler: Conj. Nacional  
Presença: SDS B 1 E lojas 11/15  
UNB Nossa Livraria: Campus Universitário

#### Banca

Rodoviária: Plataforma da Rodoviária

#### GOIÁS

Cevam: Av. T-1, 2.078 setor Bueno, Goiânia

#### PARANÁ

Distribuidor: J. Ghignone Cia. Ltda. Av. Nova Iguaçu, 624, fone (041) 23-3362

#### PARAIBA

Livraria Legal Ltda.  
Rua General Osório, 114 - Centro, fone 221-8113, Cidade Universitária, CCHLA, Bloco 5, João Pessoa



### Nova denúncia

Escrevo para vocês a fim de pedir a adesão de todas para impedir a soltura de um marginal que matou a mulher, grávida de nove meses, em 1980. Graças ao seu alto nível sócio-econômico, ele se achou no direito de destruir duas vidas a tiros, fogo (queimou-a viva) e água.

Ele ficou detido aqui em Divinópolis durante um ano, fugindo em seguida. Foram necessários cinco anos para que fosse recapturado e, mesmo assim, graças a uma carta-denúncia publicada no **Jornal do Brasil** de novembro de 1986. Após dez meses da publicação, essa carta foi parar na mesa do secretário de Segurança Pública, Sidney Safe, que acionou a polícia civil mineira. Através dessa ação, o assassino foi detido em Volta Redonda, onde residia num sítio confortável dado pelos pais. Lá, circulava livremente

pela cidade, enganando pessoas à vontade.

Agora, o espantoso está acontecendo bem debaixo de nossos olhos: uma pena de seis anos e meio de hospital psiquiátrico foi reduzida para seis meses. Gostaria que vocês do **Mulherio** me ajudassem a combater a impunidade. Já escrevi para o **Jornal do Brasil**, **O Globo** e **Estado de Minas** denunciando essa arbitrariedade.

Silvana Diniz Marra  
Divinópolis - MG

O **Mulherio** está preparando uma matéria sobre o assunto.

### Intercâmbio

Em nosso Centro de Investigação se priorizou a problemática da mulher e nesse sentido deu-se início a uma série de pesquisas e atividades. Uma delas é a publicação

Henrique Schwanke



#### SÃO PAULO

##### Capital

Banco da E.C.A. - Cidade Universitária

##### Livrarias

Belas Artes: Al. Lorena, 1.326, São Paulo.

Belas Artes: Av. Paulista, 2.448, São Paulo.

Brasiliense: R. Oscar Freire, 561, São Paulo.

Livraria Brasiliense: R. Augusta, 2.345, São Paulo.

Canto da Prosa: Rua Simão Álvares, 45, São Paulo.

Capitu: Rua Pinheiros, 330, São Paulo.

Da Vila: Rua Fradique Coutinho, 1.140, São Paulo.

Livraria Favale: Av. Santo Amaro, 184, São Paulo.

Litteris: Rua Ignácio Pereira da Rocha, 264, São Paulo.

Litteris: Bar Avenida, Av. Pedroso de Moraes, 1.033, São Paulo.

Livraria Eboh: R. Conselheiro Ramalho, 688, Bela Vista, São Paulo.

##### Interior

Marinalva Soares Silva Araújo  
Rua Egos Muniz, 50 fone (0192) 52-4487

Campanas

#### SANTA CATARINA

Ana Lúcia Gomes Medeiros: Cidade Universitária, caixa postal 5060, Florianópolis.



ENICARAGUA

ção de uma revista, **Documento sobre a Mulher**, editada trimestralmente. É de nosso interesse conhecer suas atividades, especialmente o que diz respeito a sua publicação. Estamos dispostas a realizar um intercâmbio de publicações, colocando à sua disposição nossa própria produção editorial ou outra publicação nicaraguense que lhes possa ser útil.

CIRA - Centro de Investigación de la Realidad de America Latina  
Managua, Nicarágua.

### Revista israelense

Somos um coletivo de mulheres que publica em Israel a única revista feminista na língua hebraica. Tentamos cobrir informações e pesquisas sobre mulheres, sob uma perspectiva feminista. Tentamos trazer informações de âmbito mundial e em um de nossos próximos números gostaríamos de escrever um grande artigo sobre as revistas feministas de todo o mundo.

#### Coletivo NOGA

Tel. Aviv, Israel.

### Erramos

A resenha de Miriam L. Moreira Leite, *Imagem do Lugar Social*, publicada no número passado, saiu sem os dados do livro que ela analisa: *Podria ser yo*. Los sectores populares urbanos en imagen y palabra, de Elizabeth Jelin e Pablo Vila.

## MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Feldman Bianco (Unicamp, SP/Southeastern Massachusetts University, USA); Emir Sader (USP); Fátima Jordão (pesquisadora, SP); Fúlvio Rosenberg (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Buarque de Holanda (UFRJ/Stanford University, USA); Lucia Castello Branco (ensaísta, MG); Maria Lucia de Barros Mott (historiadora, SP); Mariângela Rosa Rocha (Conselho Municipal da Mulher de Salvador, BA); Marlyse Meyer (Unicamp, SP); Mouzar Benedito (jornalista, SP).

Editora-responsável: Inês Castilho (MTB 17.504) Editora Executiva: Santamaría Silveira (MTB 13.517) Repórteres/Redatoras: Lau-

### Oficina Feminista

Esta carta é para propor-lhes a participação na oficina sobre "As revistas feministas e como chegar até seu público", indicada para a discussão do tema "problemas de produção e comercialização de um jornal/revista feminista". Esperamos a confirmação de sua participação e o nome da representante do **Mulherio**. Em relação à questão financeira, estamos realizando uma campanha para coleta de fundos para financiar companheiros que não obtenham subsídio em seus próprios países.

Angela Roa  
Montreal, Canadá.

**Mulherio** deve enviar representante.



### Mais união

Tenho muito interesse em receber de forma sistemática o jornal **Mulherio** e ofereço para divulgar sugestões e reivindicações, que só trarão benefícios a todas as mulheres brasileiras. A solidariedade e união entre nós é absolutamente necessária em nossos dias, por um mundo melhor.

Felicidade Iracema de Castro Araújo

São Paulo - SP.

para  
Fora

rimar Coelho e Paula Mageste. Secretária de Redação: Tânia Cristina Vieira de Paulo. Diagramação: Roberto C.O. Pass. Administração e Finanças: Mônica Boudry. Assistentes: Maria Tereza de Lima, Distribuição e Expedição: Helena Maria Moreira. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte. **Mulherio** é publicado pelo Núcleo de Comunicação **Mulherio**, associação civil sem fins lucrativos, com apoio da Fundação Ford do Brasil, RJ. Redação e administração à Rua Cunha Gago, 704, Pinheiros, 05421, São Paulo, SP, Brasil, fone (011) 212-9052. Fotocomposição: Bandeirante S.A. Gráfica e Editora, Rua Mairinque, 96, V. Clementina, Tel.: 572-0033, São Paulo. Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.

Rita Moreira

Nova York, meados dos anos 70. Assisto televisão, horário nobre. Aliás nobilíssimo, já que se trata de noticiário. De repente, a tela fica preta, só com um ponto de luz no centro e um zumbido como uma sirene fina, ou melhor, como um plim-plim global que tivesse ficado contínuo. Muda de canal. Está assim em todos. Após trinta segundos, uma voz de locutor se sobrepõe ao zumbido e explica: "acabamos de realizar mais um teste para orientação da população em caso de ataque nuclear. Se tivesse ocorrido realmente um ataque, com todos os nossos circuitos devidamente acionados nesses trinta segundos, estaríamos aptos a orientá-los sobre o procedimento a seguir e a direção a tomar. Fim do teste para orientação da população em caso de ataque nuclear".

Não era ficção científica. Eu estava lá, diante da televisão. Podia ficar "tranqüila" pois, na hora do fim do mundo, ela diria o que fazer.

Além dessa lembrança impressionante sobre o poder da mídia, tenho uma outra, também de Nova York, dessa vez uma notícia de rádio. No meio do noticiário da tarde, como se fosse a coisa mais normal do mundo, avisa-se que o Departamento de Saúde ou de Controle de Doenças, não lembro, obedecendo à lei número tal, da obrigatoriedade de se informar à nação sobre os atos do governo, acabara de jogar o novo vírus da gripe, XYZ35 — ou o que o valha — em determinada estação do metrô, como parte do programa de testes de resistência da população! Sem dúvida, um exemplo extremo de absurdos injustificáveis sendo "legitimados" pelo simples fato de se veicular a notícia.

Fui testemunha dessas coisas há mais de dez anos. Se a mídia já tinha esse poder terrível em meados de 70, como estaremos agora, muitos anos após o tenebroso 1984, de George Orwell; totalmente dominados pelo Big Brother, aquela TV vigia-controle que nos persegue em cada cômodo, não só do nosso lar, mas de nossas mentes? Até que ponto, massacrados pela "realidade" das comunicações, passamos a acreditar mais na imagem das coisas do que nas próprias coisas? Se não é fato que já estamos irremediavelmente enredados nessa mortal armadilha, como explicar a fé dos políticos nos meios de comunicação como

Roberto Emílio Nejme

meio de fazerem-se amados, mesmo quando sabem muito bem que são odiados? Quêrcia, por exemplo, está gastando quase o mesmo que Maluf — dinheiro nosso, sempre é bom lembrar — na divulgação da própria imagem. Sarney, desgostoso com as críticas ao seu governo, em vez de tentar corrigir os próprios erros, decidiu desviar verbas publicitárias de três grandes estatais, para aplicá-las na melhoria da própria imagem. Será que vai funcionar?

É da perplexidade diante desses fatos que partimos. Em busca de opiniões, idéias, análises, sonhos... por que não? Possibilidades. Afinal, estamos totalmente dominados ou existe uma saída? Há algo de bom na mídia? Ela apenas nos usa ou também pode ser utilizada? Chegaremos um dia à democratização dos meios de comunicação? Quem responde a essas e outras perguntas são representantes de importantes setores da nossa sociedade. Pelos negros, Maria Lucia Silva, psicóloga, conselheira e integrante da Comissão de Mulheres Negras do Conselho da Condição Feminina de São Paulo. Na área acadêmica, o professor doutor Jair Borin, jornalista especializado em economia, editor do *Jornal do Campus* da USP e professor de editoração da Escola de Comunicação e Arte (ECA) da USP, que recentemente defendeu tese sobre o tema. Sob o ponto de vista feminista, fala a escritora e jornalista Maria Carneiro da Cunha; pelos artistas contestadores, que estão acontecendo mesmo sem "dar no Globo", Rosália, vocalista do grupo de roqueiras **As Mercenárias**. Pelo sentimento homossexual, Roberto Piva, o poeta maldito; sobre a relação da mídia com a Aids, Paulo Teixeira, médico, do Sistema Unificado e Descentralizado de Saúde (Suds); pelo lado do ocultismo, já que estamos em Aquário, a era da eletrônica, Claudia Hollander, provavelmente a astróloga mais por dentro da mídia do Brasil (está na *Folha de S. Paulo*, no programa *Mulher 88* da TV Manchete, nas revistas *Capricho*, *Vogue*, *Manequim*, *Planeta e What's*). Finalmente, pelos que decididamente exercem a imprensa escrita, falada ou televisiva, a ex-colaboradora de revistas femininas Vicki d'Orey Serva, psicóloga e astróloga também de sucesso, porém voltada para o atendimento individual.

# Big Brother: Muito além de 1984

**NO CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO,  
NEGRO DÁ IBOPE**

**Rita Moreira: Qual tem sido a relação da mídia com o Movimento Negro?**

**M. Lúcia Silva, Conselho Estadual da Condição Feminina, Comissão de mulheres Negras:** A relação da mídia com o Movimento Negro está diretamente ligada aos interesses econômicos das empresas de comunicação, como aliás acontece na relação com todos os movimentos sociais. O Ibope, ou seja, os resultados materiais é que vão determinar a importância da matéria ou do tema. A empresa nunca está preocupada se o assunto pode contribuir para um maior esclarecimento da população, pelo contrário, o esforço é dirigido no sentido da manipulação da opinião pública, de forma a confundir em vez de esclarecer. Não raramente, jogam com a ambiguidade e a contradição. Um exemplo disso é aquela propaganda de uma loja de pneus: ao chamarem um funcionário pelo apelido de "Alemão", quem aparece é um negro. O Movimento Negro vem denunciando as maneiras como os veículos de comunicação passam, sistematicamente, uma imagem deturpada, estereotipada do negro, e o quanto isso tem contribuído para a manutenção da violenta opressão a que estamos submetidos. Se por um lado não existe interesse dos meios de comunicação em reformular seus conceitos e/ou ideologias, por outro não hesitam em se apropriar das reivindicações e das pressões que os movimentos exercem, esvaziando seus conteúdos. Outro aspecto, é a imagem da mulher negra nos veículos de comunicação. A idéia da "mulata sensual e boa de cama", estereótipo tão combatido pelo movimento de mulheres negras, está sendo explicitamente veiculado pela Globo, na novela **Mandala** onde, se já não bastasse o "caso" que a personagem vivida por Ida Leirner mantinha com Creonte, em seguida ela começa a se insinuar de forma bastante grosseira com o personagem Túlio, pai de Creonte. Por que sempre que é bonita, a negra tem que desejar um parceiro branco? Enfim, a mídia, como o Estado, não dá nada. Os grupos, na sua luta cotidiana por melhores condições de sobrevivência, é que conquistam seus espaços. A mídia só faz se apropriar das coisas, circunstancialmente. Isso fica patente principalmente neste ano de 1988, quando se "comemora" o Centenário da Abolição. O negro "abolido" passa a ser tema obrigatório das agendas dos veículos de comunicação, numa suposta maratona conscientizadora que traz a falsa aliança "negro libertado-branco libertador", ou seja, a manutenção da ideologia racista é o verdadeiro objetivo da mídia.

**Rita: E a mídia alternativa?**

**Maria Lucia:** O papel da mídia alterna-



tiva fica comprometido diante do avanço tecnológico daqueles que detêm o poder na comunicação. Mas através da mídia alternativa (como o próprio **Mulherio**, por exemplo) entramos em contato com informações que nos esclarecem e nos mostram a realidade mais de perto. Outro fator importante é que na maioria das vezes, a mídia alternativa está ligada de algum modo aos movimentos sociais, sendo mais comprometida, portanto, com as transformações sociais. Ela é mobilizadora mas acaba ficando restrita a uma parcela menor da população, ao contrário da Globo ou do SBT, que atingem milhões de pessoas. Acredito na possibilidade de alguma transformação na mídia oficial mas, para isso, precisamos que a população tenha algum controle sobre os veículos, o que só será obtido se lutarmos pela implantação de determinadas leis que nos garantam a democratização da informação. Um dos passos é conseguir com a Constituinte algumas transformações, tanto no que diz respeito à concessão de canais como ao controle da veiculação das notícias.

**DE RABO PRESO COM A CLASSE  
DOMINANTE**

**Rita Moreira: Jair, como está articulada a imprensa no Brasil?**

**Jair Borin, Professor Doutor da USP:** É uma imprensa feita para ser lida pela classe dominante. Mesmo o rádio e a televisão, que deveriam ser veículos de maior presença junto ao público, em geral representado pela classe trabalhadora, acabam repetindo as notícias veiculadas pelos jornais e quase sempre com o mesmo enfoque. No caso específica desses veículos (rádio e TV), os empresários dependem de concessão oficial e dificilmente vão contestar o governo e seus segmentos mais expressivos. A imprensa brasileira privilegia os segmentos que controlam política e economicamente o País, sobretudo autoridades, políticos e empresários, que têm maior espaço reservado nos noticiários e publicações. Em contrapartida, a classe menos ouvida no País é a dos trabalhadores.

**Rita: Essas idéias, que você defendeu na sua tese de doutoramento, sob o título "A Notícia e suas Versões no Espaço e no Tempo dos Grupos de Pressão", partiram de uma pesquisa, não foi?**

**Jair Borin:** Sim, através de pesquisa

constatei que o privilégio se dá em todos os níveis e em qualquer veículo, seja da mídia eletrônica ou impressa. No caso das emissoras de rádio, por exemplo, analisados os programas jornalísticos da Excelsior, Eldorado e Globo do Rio de Janeiro, a pesquisa apontou uma média de 55 segundos para cada fonte do setor empresarial; contra 42 segundos para cada fonte dos trabalhadores. Nos noticiários de TV, considerados os da Manchete e Globo, a média para os dois segmentos é de 30 contra 21 segundos, respectivamente. Quanto ao número de fontes, a pesquisa revelou maior disparidade: em ambos os veículos os empresários levam uma vantagem de um terço sobre os trabalhadores. Quanto ao segmento "autoridades-políticas", a desproporção ainda é mais nítida, pois o número de fontes é, em média, oito vezes maior que dos trabalhadores, o que a agravava de que têm mais espaço os parlamentares dos partidos conservadores. Ao mesmo tempo, coletei matérias de vários jornais, cruzadas em seguida com informações de rádio e televisão, e o resultado foi praticamente o mesmo.

**Rita: Você fala em sua tese sobre os lobbies junto à imprensa. O que são eles?**

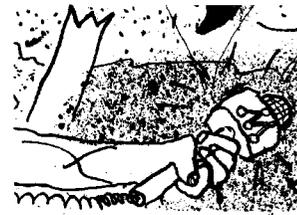
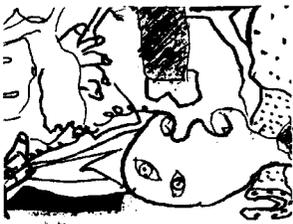
**Jair Borin:** Sim, em parte. O jornalismo no Brasil é controlado por uma elite ligada ao poder mas há ainda outra causa. Nossos editores, por força de um tipo de jornalismo historicamente badalador, têm o vício de pautar matérias com enfoque centrado na visão das autoridades e políticos, dos empresários e técnicos e por último dos trabalhadores, geralmente com menor destaque.

**Rita: Isso ocorre exclusivamente porque as classes dominantes controlam os meios de comunicação?**

**Jair:** São grupos de pressão que disputam a apropriação do tempo e do espaço nos jornais, exercendo grande influência junto às redações. Nos últimos cinco anos eles ganharam muito peso em nosso País. Apesar de serem mais utilizados pelas classes dominantes, os lobbies também foram descobertos pela classe trabalhadora e por algumas minorias (índios, homossexuais etc) que de uns tempos para cá passaram a usar esse instrumental, embora de maneira incipiente.

**Rita: E a mídia alternativa?**

**Jair:** Em relação à grande mídia? É como enfrentar um tanque com um canivete. Não sou otimista com relação à



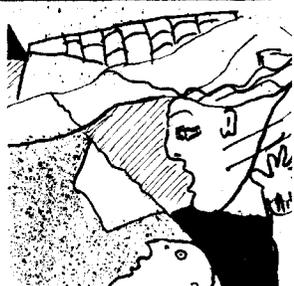
atual situação. A conquista de maior espaço para os trabalhadores só será possível através de uma profunda transformação social no País.

**PARECER É MAIS IMPORTANTE  
QUE SER**

**Rita Moreira: Como a informação se coloca para metade da humanidade: as mulheres?**

**Maria Carneiro da Cunha:** Os meios de comunicação de massa detêm hoje um papel fundamental na formulação da ideologia dominante numa sociedade. Como poderosos e abrangentes meios de socialização, eles tanto podem favorecer a transformação como operar como agentes da manutenção do *status quo*. Numa época de mudanças aceleradas na sociedade, provocadas muitas vezes por fatores sócio-econômicos muito amplos, sobre os quais a imensa maioria dos cidadãos não tem qualquer controle, cresce a importância dos debates sobre a democratização da informação, de seus mecanismos de formação e de sua distribuição. Quanto às mulheres, é preciso assinalar que as estruturas informativas do mundo em que vivemos estão basicamente na mão dos homens, como ocorre com a maioria das instâncias de poder. Esse fato de grande alcance não tem sido suficientemente destacado, mesmo naqueles documentos internacionais que discutem a democratização da informação a nível mundial, como o chamado Relatório McBride, realizado para a Unesco, que dedica ao tema "mulher e informação" exatamente cinco linhas. Um artigo de Maria Victoria Seudó, publicado na revista mexicana **Mujeres** afirma: "Não se trata de saber o que é a mulher, mas sim a sua imagem, e aqui lembramos que a imagem da mulher e sua possibilidade de existência só se dão nas coordenadas patriarcais, segundo as quais a imagem e a existência estão em função do desejo do homem. Porque o desejo, como substrato psíquico fundamental, é o que conforma todo o nosso mundo simbólico. O filósofo alemão Heidegger já dizia que a passagem para a modernidade não se realizou com a substituição da imagem de um mundo medieval por outra, moderna. A era moderna se caracteriza por ser uma imagem. Não houve substituição de imagens, mas a conversão de tudo em imagem. Isso significa o predomínio da representação sobre a realidade, a tirania da ideologia através da imagem. Assim, vemos uma inflação galopante de imagens que em sua maioria constituem as mil formas de mostrar um mesmo mundo subjacente, um mundo pa-

triarcal. O que é evidente no mundo da imagem é que a mulher nunca é representada como sujeito, ela é representada como objeto na medida que não é ela que toma a iniciativa da representação. Não é ela que constrói sua própria imagem. O critério da representação pelo qual se julga ou classifica uma imagem se dá sempre em relação a um parâmetro masculino. Quando se diz sobre uma mulher que sua imagem é feminina, masculina ou andrógina é segundo os esquemas masculinos que predefinem essas imagens. Quando os humanos quiseram mandar uma mensagem simbólica aos espaços siderais representaram a figura de um casal humano. A imagem do homem foi representada com um braço para cima, no alto. Essa imagem foi ironizada por Laurie Anderson em seu trabalho *Americans on the Move*. Além da identificação masculina com o órgão ereto, no braço, que poderia tanto dizer olá, como adeus, a significação fundamental é que quem fala, quem representa a humanidade é o homem. A mulher é representada como acompanhante ou complemento, ela não fala por ela.



**dia. Você acha que estamos irremediavelmente sob controle de Big Brother?**

**Rosália, d'As Mercenárias:** Existe um bombardeio no cotidiano das pessoas, de informações que a mídia usa para para veicular os padrões de vida de um sistema. Essas informações, por serem muitas, acabam tendo alguma diversidade. A gente pode selecionar alguma coisa, mas tem que ter um critério, depende do nível de atenção. É muito difícil, diante de tanta informação, você sair trilhando o seu próprio caminho e resgatando apenas o que interessa. A gente vive numa sociedade que tem um mecanismo de controle muito forte, que reprime as manifestações. Algo como controlar o rebanho. mesmo...

**Rita: Outro tema frequente nas suas músicas é a violência. Como é que a violência na TV afeta seu filho?**

**Rosália:** A maneira como a violência na TV afeta meu filho é diferente de como ela afeta as pessoas em geral, porque meu filho tem a mim, eu posso dar um parâmetro para ele. Acho que a violência na TV age muito mais sobre o adulto do que sobre a criança. O adulto tem um acúmulo de sombra, de violência mal canalizada. Existe um clima de convulsão social latente. Então, eles têm que oferecer canais para as pessoas poderem projetar a própria violência, para eles poderem controlar essa possibilidade de convulsão social que existe. Já as crianças são virgens. A maneira que elas têm de trabalhar a informação que recebem é mais original — espero! Elas têm sempre uma chance maior de sobreviver e reagir a toda essa opressão. O Thiago, meu filho, não é muito afetado pela violência da TV.

**Rita Moreira:** Como está a mídia em relação ao homossexual?

**Roberto Piva, poeta:** Existe uma miséria sexual tomando conta do País via grande mídia e outros veículos de comunicação, na medida em que eles propõem uma uniformização dos comportamentos, em função do casal heterossexual. Atualmente não se vê, como na ditadura, o exército na rua, mas está pior, porque há um moralismo muito mais intenso, a sociedade de consumo é profundamente moralista. Tão terrível quanto os assassinatos de homossexuais — que continuam e com os quais a grande mídia não se preocupa a não ser para copiar, deturpadamente, em suas novelas — é o genocídio generalizado de crianças e adolescentes homossexuais. Eu estava lendo estatísticas, é a primeira vez que se faz isso no Brasil, sobre o número assustador de crianças e adolescentes que anualmente se suicidam nessa década de oitenta, por enforcamento, tiro na cabeça, envenenamento etc. Há pouco tempo os jornais noticiaram, inclusive os jornais conservadores, tipo *Estadão*, o suicídio de um menino de 14 anos no bairro de Moema, em São Paulo. Ao examinarem o corpo verificaram que o cara tinha "um alargamento anal provocado por penetração". Então, vocês vêem, que a linguagem hospitalar, médica, invadiu a linguagem erótica. É aquilo de que Michel Foucault mais tinha medo. É o genocídio causado pela mídia, porque ela não pode representar as diferenças; porque há a censura da linguagem que é diretamente a censura da consciência em função dessa uniformização. Na medida em que as crianças e adolescentes não podem se ver refletidos, não podem ver seus próprios espelhos, elas se matam. E o que ocorre agora, em relação a tudo isso é que esse genocídio estava sendo preparado há muito tempo. Pelo consenso desses grandes veículos de comunicação que, inclusive, forjam um psiquismo coletivo, um clima de eferescência que propicia o linchamento, o braço assassino se sente justificado.

**AIDS E MÍDIA**

**Rita Moreira:** Qual tem sido o papel da mídia dentro do programa de prevenção da Aids?

**Paulo Teixeira, Coordenador do Programa da Aids da Sude:** Em 1983, com o aparecimento dos primeiros casos de Aids em São Paulo, a mídia nos ofereceu espontaneamente um espaço para informações e esclarecimentos sobre a Aids. Houve então uma grande divulgação, alarmista ou não, principalmente sobre a necessidade do uso da camisinha. Depois, quando a Aids deixou de ser novidade, manchete, houve uma descontinuidade na divulgação de orientação da prevenção da doença. Diante da importância da doença, chegou-se então à conclusão que o governo deveria assumir uma campanha contínua de prevenção. Essa campanha foi elaborada do ponto de vista dos técnicos da Secretaria de Saúde e entre-



que a empresas de publicidade.

**Rita: O fato de vocês estarem agora usando a figura de uma mulher nos filmes e anúncios significa que a divulgação pela mídia teria funcionado, levando os homossexuais a usarem a camisinha?**

**Paulo:** Temos percebido uma alteração na distribuição da doença na que se refere às práticas ou situações de risco; tem aumentado o número de heterossexuais e de toxicômanos, mas isso não quer dizer, necessariamente, que os homossexuais tenham tomado mais cuidado por causa da campanha e estariam por isso sendo percentualmente menos atingidos. Tudo isso eu considero acientífico.

**Rita: O que você diz do protesto do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher contra o uso do rosto de uma mulher ("Quem vê cara não vê Aids") nesta campanha, alegando que isso pode identificá-la ao risco da doença?**

**Paulo:** É verdade. Já ouvi muitas queixas, enfáticas, de mulheres que acham isso uma distorção muito grande. Certamente, não houve na elaboração dessa campanha uma postura intencional nesse sentido. O que deve ter ocorrido foi a assimilação inconsciente da nossa própria ideologia, a ideologia machista segundo a qual o risco de qualquer coisa está sempre na mulher; quando disse da nossa, quero dizer, da maioria da população. Ai eu incluo os técnicos e os profissionais da área. Mas tenho certeza que foi involuntário. Eu sou um dos que pude interferir e tenho protestado contra a caracterização do risco na mulher. Ou seja, mais uma vez se inverteu ou se polarizou as coisas, assim como anteriormente o erro foi culpar os homossexuais.

**Rita: Se usar a imagem da mulher não foi um erro intencional, há outros casos de imposição de uma diretriz ideológica ou mesmo de censura?**

**Paulo Teixeira:** Sim. Na campanha anterior, se falava em preservativo e raramente em camisinha. Esse nome só podia ser mencionado de madrugada, e tinha que ser camisa de vénus. Foi imposição da igreja católica, uma intervenção direta junto à Presidência da República, não foi sequer a nível de ministério. Agora, apesar dos eventuais enganos, a campanha dos panfletos e cartazes, inclusive com explicação clara sobre a maneira correta de vestir a camisinha é, a meu ver, fundamental.

**Rita: Estamos, então, num beco sem saída?**

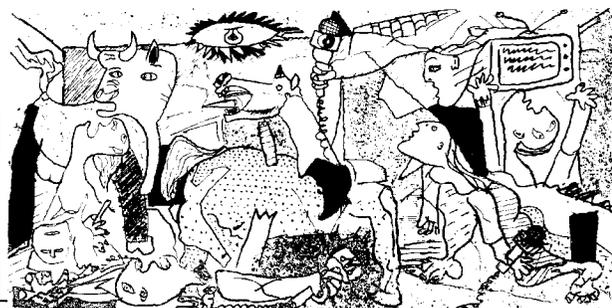
**Maria Carneiro da Cunha:** Não, absolutamente! Toda informação contém a possibilidade de uma contra-informação. O controle da informação nunca é completo e a Campanha pela Diretas é um exemplo disso. A Globo se recusava a divulgar os fatos, mais foi obrigada a certa altura a dar cobertura. É a força da contra-informação. Toda realidade é dialética, não há domínio total. Os poderosos de hoje podem não ser os mesmos de amanhã. A imagem deixou de ser absoluta porque as pessoas descreem da imagem. Como não se tem mais a confiança numa verdade absoluta, mesmo que a Globo divulgue as pessoas não confiam. Uma boa parte pode até acreditar mas existe outra parte que não acredita. Tem gente que até hoje não acredita que o homem foi à lua.

**"SOMOS MILHÕES E VIVEMOS À PARTE TEMOS NO VÍDEO AS PIORES IMAGENS"**

(Música de As Mercenárias)

**Rita Moreira:** No disco que vocês vão lançar pela Odeon há pelo menos três músicas mencionando o poder da mi-

**HOMOSSEXUAIS: GENOCÍDIO ATRAVÉS DA MÍDIA**



**NA ERA DE AQUÁRIO O PODER É INVISÍVEL E ESTÁ NO AR**



**Rita Moreira: Astrológicamente, como está a comunicação?**

**Claudia Hollander, astróloga:** A astrologia está renascendo agora, na era de Aquário. Aquário é regido por Urano, que é exatamente o regente da astrologia, ele significa o céu. Urano está uma oitava acima de Mercúrio, que é o planeta da Comunicação. Urano também pressupõe comunicação. Inclusive, o símbolo gráfico desse planeta parece uma anteninha de televisão. Além disso, a era de Aquário é a era dos inventos, da eletrônica. Trata-se de um signo aéreo e toda a comunicação, hoje, se faz através do ar, e principalmente através da mídia eletrônica que é uma coisa imediata. Não é por acaso que vivemos agora na tal Aldeia Global preconizada por McLuhan. Realmente, todo o nosso planeta, por mais imenso que seja, vive agora em comunicação imediata e total, através dos meios de comunicação e da eletrônica. A eletrônica tem tudo a ver com a era de Aquário e com a televisão, especificamente. Além disso o Brasil tem o ascendente em Aquário, por isso é que, apesar de sermos um País de terceiro mundo, temos a quarta maior rede de televisão do planeta, que é a Globo, e a publicidade brasileira também está entre as melhores do mundo.

**Rita: Em que medida a população está sendo mantida sob controle através dos meios de comunicação.**

**Claudia Hollander:** Essa preocupação que a gente tem de ser controlada pelo Estado, indiretamente, pelos veículos

de comunicação, eu acho que existe esse poder. Por outro lado, a nossa ânsia de liberdade vai ser muito grande, porque Aquário é também o signo da liberdade, tanto é que se considera que o grande grito da era de Aquário foi dado em 1789 com a revolução francesa. As palavras-chaves dessa revolução eram igualdade, liberdade e fraternidade, que são as palavras-chaves de Aquário. De modo que eu acredito que, estando na era de Aquário nós vamos saber sair do domínio, do controle da mídia em geral e da eletrônica em particular. É bom, na verdade, termos essa preocupação, isso quase paranóia em relação a esse controle da mídia sobre as massas porque é exatamente isso o que impede que ele se concretize. Eu sou otimista em relação a isso, acho que a liberdade é íntima. Se você consegue preservar um mundo livre dentro da sua cabeça, nada vai poder controlar você.

**Rita: Mas na prática, existe o controle, não existe?**

**Claudia Hollander:** Olha, eu não acho que existe exatamente um controle, consciente por parte do poder, uma coisa maquiavélica. Mas indiretamente, claro que está ocorrendo. Mas não acho que seja uma coisa organizada. Acontece que na era de Aquário o poder é invisível, porque está na casa de Escorpião, daí ser um poder que ninguém conhece, oculto, e exatamente por isso, mais tético, talvez. Se é que existe esse poder concentrado, ele usa testas de ferro.

**Rita: E a televisão é testa de ferro de quem?**

**Claudia Hollander:** Bom, seria das grandes multinacionais, de quem realmente tem dinheiro para pagar o seu tempo. É um círculo vicioso, porque as multinacionais pagam o tempo e têm o retorno do consumo. A coisa parece que funciona mesmo, por incrível que pareça, porque as pessoas não têm senso crítico. Talvez isso, e o fato do respeito que tradicionalmente se tem pelo que é escrito, como o diploma de doutor... Agora é a imagem televisiva:

peçoas cultas, bem vestidas, falam coisas com convicção e a grande maioria inculta leva completamente a sério.

**Rita: E o papel do governo na mídia?**

**Claudia:** A gente vê que os governos se colocam também como grandes multinacionais e utilizam cada vez mais a publicidade, e é chocante você ver as verbas do povo serem gastas para convencer o povo de que se está fazendo bom governo que na verdade não está sendo feito. Eu acho que não deveria existir essa publicidade governamental. Eventualmente, isso sim, uma campanha para ajudar numa época de dificuldade, como no caso da tragédia das enchentes do Rio. Sim, o erro não está no veículo em si, mas na sua utilização. Aliás, como tudo no mundo, o que dá pra rir dá pra chorar. A mídia tem seu lado positivo.

**Rita: Quais são os outros?**

**Claudia Hollander:** A televisão pode ser maravilhosa, apaixonante. Cursos pela televisão, por exemplo, eu acho a coisa mais fenomenal. Reportagens, como **Mundo Animal**. E nem todo mundo que está na televisão tem a intenção de massificar. Eu, por exemplo, desde que comecei minha coluna na **Folha**, há uns seis anos, em vez de simplesmente dar as dicas ou falar como seria o dia, procurava dar as informações sobre o astral, a posição dos planetas, em que signo estava a lua, de modo que a pessoa pudesse tirar, também, suas próprias conclusões e começasse a existir um raciocínio astrológico por parte da população.

**RECUSANDO A MÍDIA**

**Vicki d'Orey Serva, psicóloga, astróloga, ex-colaboradora da revistas femininas e de cultura.**

**Rita Moreira: Por que você não queria falar comigo? Por que não quer que cite os seus artigos em suas publicações?**

**Vicki d'Orey Serva:** Resolvi não falar mais com a imprensa. Lembra que teve uma época que o Caetano e o Chico se

recusavam a falar com a imprensa? No fundo são sempre as mesmas razões. A gente se sente deprimida nessa consumissão geral que a mídia provoca. Ela não está interessada em informar, só em vender.

**Rita Moreira: Mas não falando com ela você escaparia dela?**

**Vicki d'Orey Serva:** Não. Mas ela não me enche, não gasta o meu tempo e eu não me sinto sacaneada, isso já dá um pouco de sossego. Não vejo coisas minhas sendo deturpadas e não me sinto usada como mais um elemento dessa salada geral, um elemento para tirar as pessoas.

**Rita Moreira: Você acha que essa tração teria chegado a um ponto irremediável? Ou seja, Big Brother já teria controle total sobre a população? Não tem mais jeito?**

**Vicki d'Orey Serva:** Só vai parar de ser assim quando as pessoas acordarem e desenvolverem suas consciências.

**Rita Moreira: Como isso pode acontecer?**

**Vicki d'Orey Serva:** Só existem dois caminhos. Um deles, é o das tragédias, das catástrofes, tipo maremotos, terremotos, Chernobyl... Veja o povo de Goiânia, por exemplo. (Vicki viveu em Goiânia e até hoje visita frequentemente aquela cidade). O povo de Goiânia está com outro papo, outra consciência. Eles pensam: o que sou eu, indivíduo, o que é coletividade, o que é imprensa, o que é ser parte da coletividade. Eles sabem o que a imprensa fez com a cidade. O outro caminho, sem ser o da tragédia, é o do acontecimento máximo que pode nos ocorrer que é aparecerem os discos voadores.

**Rita: Só os discos voadores podem nos salvar?**

**Rita Moreira é jornalista e produtora de VT**

**\* Com Colaboração de Dorian Castello e Satomi Ueti**

6  
mulherio  
mar. 88

VÁLIDO ATÉ 30/04/88

**ASSINATURA DO MULHERIO**

Nome Completo: \_\_\_\_\_  
 Endereço: \_\_\_\_\_  
 Cep: \_\_\_\_\_ Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_  
 Data Nascimento \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ DDD: \_\_\_\_\_  
 Telefone: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Envie Cheque nominal cruzado ao Núcleo de Comunicações Mulherio para assinatura correspondente a 6 n.ºs do jornal. Cz\$ 600,00 - América Latina US\$ 18,00 — Exterior Via Aérea US\$ 24,00.

**ASSINANTE, VOCÊ MUDOU DE ENDEREÇO?**

Comunique seu novo domicílio.

COLE AQUI  
SUA ETIQUETA DE  
ENDEREÇAMENTO ANTERIOR

Novo endereço \_\_\_\_\_  
 Bairro \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_ Est. \_\_\_\_\_

Envie estes cupons para ASSINATURAS MULHERIO, Cx. Postal 11352, Cep 05421, São Paulo - SP, fone (011) 212-9052

Para os analistas, a revolta dos adolescentes palestinos, de idade variando entre 15 e 30 anos, é a maior frente de luta aberta contra o sionismo desde 1948; quando foi criado o Estado de Israel, e promete continuar por longos capítulos.

O ponto de partida foi quando um jipe do exército de Israel atropelou quatro palestinos na cidade de Gaza. Os israelenses afirmam que foi um acidente. Os palestinos desmentem a versão. E se for levada em conta a conduta dos soldados israelenses nesses territórios, cometendo atrocidades como o enterro de quatro palestinos vivos em fevereiro, fica difícil acreditar na versão de Israel.

O governo de Israel vem ordenando que seus soldados reprimam e prendam "com rigor" os manifestantes, inclusive usando armas de fogo. A idéia inicial era deter os possíveis líderes e intimidar a população a cessar o levante. Quatro palestinos, acusados de liderar a revolta, foram deportados para o sul do Líbano e entregues à própria sorte. Mas a revolta se intensificou mais ainda.

O que os israelenses não contavam e receberam como surpresa, foi a espontaneidade do movimento palestino, que revelou lideranças jovens, desconhecidas até o momento. Israel teria que prender todos os habitantes palestinos da Cisjordânia e Gaza, embora pelo menos um de cada dois palestinos tenha sido preso desde 1967, segundo relatório recente da Organização das Nações Unidas (ONU). Aliás, isto faz lembrar a epopéia da tomada de Bastilha (Paris, 1789), onde não havia praticamente lideranças. Foi o povo, como uma verdadeira avalanche humana, que varreu da face da terra o despotismo da realeza.

Mas a violência do exército israelense nos territórios ocupados não é recente. Apenas tornou-se conhecida mundialmente neste momento, devido às proporções que a situação assumiu. Desde 1967, Israel não respeita as normas básicas do direito internacional. Apoiada em leis que vigoram desde a colonização inglesa da Palestina, a administração militar de Israel, sem qualquer motivo, pode deter qualquer pes-

soa da área ocupada, demolir ou lacrar casas de "suspeitos colaboradores da Organização para Libertação da Palestina (OLP)."

Há mais de vinte anos, as forças de ocupação israelense usam o toque de recolher para "disciplinar" todo um povo, cercam os acampamentos para impedir os palestinos de ir ao trabalho. Como não bastasse, cercam as escolas e universidades e, diariamente, vistoriam o material escolar dos estudantes. Qualquer livro considerado "político" pode levar à prisão. Isto sem falar do costumeiro fechamento das escolas.

Jornalistas e organizações internacionais, como a ONU, denunciam, em longos relatórios, a dura vida da população palestina nos campos de refugiados. São descritos como verdadeiros campos de concentração ou "guetos" negros, semelhantes aos da África do Sul.

Foi toda esta vida insuportável que os "adolescentes da ocupação" recusaram. "É uma luta desigual. Um exército fortemente armado e treinado contra jovens que atiram pedras e brigam com



Não há idade mínima para lutar nos territórios ocupados

jornal *Al-Hallaq*, editada em árabe em Jerusalém. Segundo ele, os palestinos "não podem mais esperar a ajuda dos regimes árabes", pois na última conferência em Amã-Jordânia, em novembro passado, onde se reuniram todos os chefes de Estados Árabes, "não foi mencionada a questão palestina", completou.

tribuídos nos territórios ocupados. Na Cisjordânia, para impedir o apedrejamento de um veículo do exército, os sionistas amarraram no capô do veículo dois árabes. Seriam as primeiras vítimas caso as pedras fossem lançadas, denuncia o jornal *Al-Hallaq*, também dos territórios ocupados.

O governo sionista sentiu a repressão mundial de sua política devastadora. Com o objetivo de acalmar os ânimos, principalmente da imprensa mundial, Israel impede a presença dos jornalistas nos territórios ocupados. Os que já se encontravam na área foram autorizados a permanecer, entretanto seu material seria censurado. A situação revoltou os jornalistas e a Associação de Imprensa Estrangeira protestou: "Estamos cada vez mais contrariados ao sentir que nosso acesso aos campos está sendo limitado".

Mas não foi só a imprensa proibida de acompanhar os acontecimentos. Morack Goulding, observador da ONU, também foi impedido de visitar os campos de refugiados. "Israel deve ter muito o que esconder sobre a realidade de vida de mais de 2 milhões de palestinos que vivem na Cisjordânia e Faixa de Gaza", justificou Ramon Brauche, jornalista francês.

Muitos militares israelenses começaram a sentir a contradição da política do seu governo. Até o momento, 142 soldados e oficiais foram levados à corte marcial, em Israel, por se recusarem a participar na repressão aos palestinos. "Talvez estes soldados não queiram escrever a história do seu país com sangue", disse Hassan Sabra, editor da revista libanesa *Ash Shiraa*.

Apesar da condenação internacional o governo de Itzhak Shamir reforça mais ainda sua política segregacionista e opressora. Helicópteros lançam bombas de gás lacrimogênio sobre os acampamentos. Uma delas acertou em cheio o barraco da jovem Leila Abdo Fadel. Ela estava grávida e foi socorrida até o hospital. Permaneceu internada algumas horas, deu a luz a uma menina e faleceu em seguida.

#### Brazeiros nos Territórios

Quatorze médicos e três enfermeiros brasileiros foram para os territórios da Cisjordânia e Gaza prestar socorros

## Cisjordânia e Gaza, a ocupação do terror

Lameh Smell

*O levante do povo árabe palestino nos territórios ocupados por Israel (Cisjordânia e Gaza), iniciado em dezembro de 87, já provocou a morte de pelo menos 95 palestinos em consequência de espancamentos e torturas impetrados pelas tropas israelenses, além de centenas de feridos e mais de 3 mil prisioneiros.*

paus", explica Maurício Tragtemberg, intelectual brasileiro de origem judaica.

Este levante dos *Shabab* (jovens, em árabe), fruto da "conscientização dos palestinos, de que só podem contar é consigo mesmo pela libertação", analisa Mahmud Ezzugayyar, 27 anos, palestino e correspondente no Brasil do

"Reinado de terror. É o mínimo que se pode dizer sobre as condições com que estão sendo tratados os palestinos nos territórios ocupados". Esta frase até poderia ser suspeita se não fosse dita por um jornalista de origem judaica, que esteve recentemente na Cisjordânia e prefere o anonimato. Mas não é preciso ir longe para tirar esta conclusão. Basta ler as manchetes dos grandes jornais, inclusive os israelenses.

A brutalidade da repressão ordenada pelo governo de Itzhak Shamir, primeiro ministro de Israel, está deixando indignados até mesmo alguns soldados israelenses. É o caso de Azur T. (só se identificou com as iniciais do nome). Após participar de uma ação repressora na cidade de Nablus, confessou: "Eu me sentia num filme da II guerra, com a suástica no braço, invadindo casas para fazer buscas".

No caso dos adeptos do sionismo, "a suástica foi substituída pela estrela de Davi. E as atrocidades que milhões de judeus sentiram na carne, durante o nazismo, foram agora transferidas para os palestinos", ilustra um dos panfletos dis-



Os jovens avançam sob a bandeira palestina

solidariedade aos palestinos da área. Lá permaneceram de 25 de janeiro a 5 de fevereiro convivendo com a população. De volta ao Brasil, a comissão divulgou um amargo relatório sobre o que presenciaram.

"Nos campos, nos hospitais, vimos mulheres com até oito meses de gestação com hematomas em todo o corpo e, principalmente, no abdômen; outras com o feto já morto por espancamento ou intoxicação por bombas de gás. Vimos crianças que foram boleadas na porta de suas casas e tivemos arrancada de nossa mão, pelos soldados, uma criança de 5 anos, que protegíamos por estar aterrorizada ao ver sua mãe sendo agredida pelos soldados", afirmam os brasileiros.

Estarecidos com as perversidades, os profissionais de saúde destacam: "Constatamos em muitas dezenas de casas, familiares que tiveram seus filhos recentemente assassinados, o que contrasta com as cifras das agências de notícias de apenas 95 mortos em três meses".

Maria José Conceição, diretora do sindicato dos Médicos do Distrito Federal, realizou visitas domiciliares no campo de refugiados de Maghazi. Ela conta: "Uma família dormia, quando os soldados invadiram sua casa. Forçaram todos os seus membros a se despirem e levaram o filho de 17 anos, após espancá-lo, para a prisão... Visitamos outras famílias que relatavam mortes de parentes e espancamento diversos".

O diretor do Sindicato dos Médicos de São Paulo, Jamil Murad, também integrante da delegação, afirmou: "Nós chegamos a uma casa, perto da cidade de Nablus-Cisjordânia, que havia sido demolida momentos antes pelos soldados. Seus moradores haviam sido enterrados vivos pelos sionistas, mas a população conseguiu salvá-los". Segundo Jamil, "três haviam sido enterrados totalmente e um com a cabeça para fora da terra. Os soldados fugiram quando perceberam que a população ia atacá-los", concluiu.

Os brasileiros visitaram várias cidades e acampamentos entre os quais Amata, Khalandia e Galazon, perto de Jerusalém. Os médicos destacam "o elevado grau de consciência política, disposição e participação do povo palestino, unido contra o ocupante". O governo de Israel não gostou da visita dos brasileiros e logo ao desembarcarem em Telaviv, alguns membros, de origem árabe, foram interrogados no aeroporto, e em seguida liberados.

Agora a opinião é unânime: a situação na Cisjordânia e Faixa de Gaza jamais voltará a ser como foi até o dia 9 de dezembro de 1987. Israel já sofreu duas condenações formais perante os fóruns da Organização das Nações Unidas (ONU), desde o início do levante. Uma pela deportação de civis e outra pela repressão militar. Até mesmo os Estados Unidos, principal avalista da política racista de Israel, apoiaram as condenações.

Lamaeh Smeili é jornalista

## O que os palestinos desejam

Diante da continuidade dos conflitos e da revolta dos palestinos, o governo israelense, na esperança de conter a revolta, adotou uma política repressora que consiste basicamente em três pontos:

### 1 - Continuidade da política de "quebrar os ossos"

O exército de ocupação de Israel começa a invadir as casas palestinas à noite. Os habitantes de idade variando entre 15 e 45 anos são forçados a se concentrarem nas praças públicas e nas escolas. Após os espancamentos os soldados exigem das jovens a limpeza das vias públicas, acompanhados com pauletas e cassetetes. Os feridos são impedidos de ir aos hospitais e pronto-socorros. Esta tática dos sionistas resultou no ferimento de centenas de mulheres e crianças, principalmente na espinha dorsal.

### 2 - Sequestros

Inconformados com a continuidade e energia da revolta popular palestina, o exército de ocupação adota agora o método de sequestrar árabes, com o objetivo de aterrorizar os habitantes. Aliás, esta medida é a mesma praticada pela organização paramilitar "Irgon", dirigida por Menahem Begin, nos primeiros anos da ocupação em 1948. As agências de notícias informaram que dezenas de jovens palestinos foram encontrados mortos, com marcas de tortura nos corpos, em lugares distantes e isolados.



Barricadas com pneus em chamas, única defesa

O mais conhecido caso deste método de repressão são as 30 crianças palestinas sequestradas por colonos israelenses, perto do acampamento "Al Dhaushé", no começo de fevereiro. As autoridades israelenses negaram o fato, mas até o momento desta edição, as crianças continuavam desaparecidas.

### 3- Impedir as liberdades

As autoridades israelenses voltaram a aplicar "a prisão administrativa" contra civis árabes. Só que desta vez esta política atingiu também os árabes residentes em Israel, que possuem cidadania, mas são discriminados. As forças israelenses reconheceram que 145 deles foram condenados a 6 meses de prisão administrativa, por solidarizarem com os palestinos da Cisjordânia e Gaza. Entre os presos encontra-se Salah

Zaika, editor do jornal *Al Shaab*.

Os meios de comunicação locais e internacionais também sofreram as penas desta política de cercar as liberdades. O jornal sionista *Haartz* publicou, em 26 de janeiro, que a emissão da rádio "Voz de Jerusalém" será interrompida pelo governo, por "incitar as manifestações e os distúrbios".

Em relação às religiões, os israelenses não medem esforços para entrar nas igrejas e mesquitas, para reprimir os que lá se refugiam. O mais conhecido caso desta prática ocorreu em 31 de janeiro, quando os fiéis saíram das igrejas em passeatas pacíficas pedindo o fim da violência. A resposta dos soldados veio de imediato: bombas de gás e cassetetes. Resultado: dezenas de feridos.

## Israel: mais repressão

Najib Amel, 26 anos, integrante do "Comando Nacional Unificado do Levante", nos territórios ocupados da Cisjordânia e Gaza, falou ao jornal *Mulherão*, pelo telefone, da cidade de Nablus (Cisjordânia), sobre a situação atual dos conflitos na área. A conversa, que durou cerca de 15 minutos, foi realizada no último dia 23 de fevereiro.

A entidade de Najib se autoproclama "organizadora e mantenedora" das manifestações palestinas. Segundo Najib, a CNUL surgiu "espontaneamente, fruto da necessidade de sustentar a população do levante" e que se articula através "da distribuição de panfletos que orientam os jovens e comunicam sobre a situação em geral".

Najib relatou que os territórios ocupados transformaram-se, nos últimos dias, "numa verdadeira praça de guerra". Ele contou que esteve detido durante dez dias, em janeiro, na prisão de "Al Farica", em Nablus e que os prisioneiros "estão entre a vida e a morte, devido às torturas e espancamentos".

Sobre as perspectivas do levante, Najib disse que a luta "vai continuar até a vitória e o reconhecimento de nossos direitos à autodeterminação". Para ele,

nas zonas militares, onde o acesso à imprensa está sendo dificultado pelos israelenses, "tem-se novos massacres semelhantes aos ocorridos em Sabra e Chatila, no Líbano em 1982".

A respeito da acusação do governo israelense de que a OLP estaria por trás dos protestos, Najib emendou: "mas a OLP é todo o povo palestino, independente de sua liderança. Cada palestino é líder de si mesmo e tem a consciência de que ele é parte inseparável da OLP, do seu povo e sua causa justa e sagrada".

A solidariedade internacional que os palestinos estão recebendo do Exterior, principalmente em alimentos, através da ONU, "ajuda a sustentar milhares de famílias, que desde o início do levante estão sem trabalho", ressaltou Najib. O palestino encerrou a entrevista com um apelo "para que o mundo e os amantes da liberdade e da paz pressionem Israel a parar com a repressão aos árabes, entendendo que somos seres humanos iguais, a favor da vida e da dignidade".

\* *Najib Amel* não é o nome correto do entrevistado. A omissão do verdadeiro nome é proposital, por motivos óbvios.

### Novos massacres?

1- Os palestinos reivindicam forças internacionais para garantir a segurança dos civis desarmados nas terras ocupadas.

2- A retirada das forças de ocupação das cidades, aldeias e acampamentos dos territórios ocupados.

3- A libertação de todos os prisioneiros do levante e o fim das leis de exceção, vigentes desde a colonização inglesa. Como também o fim da censura à imprensa, o fechamento das instituições de ensino, deportações e residência obrigatória.

4- O fim dos impostos que as autoridades de ocupação criaram e que desrespeitam todas as normas internacionais.

5- O imediato fim das invasões, por parte do exército de ocupação, dos lugares sagrados islâmicos e cristãos. A retirada de Ariel Sharon e outros colonos da cidade velha de Jerusalém.

6- Os detidos políticos devem ser tratados como prisioneiros de guerra, de acordo com as normas internacionais e o fim da repressão e terror, praticados pelo exército e colonos israelenses. A apresentação dos responsáveis por assassinato de árabes diante da Justiça.

7- Os palestinos pedem o reconhecimento de um estado palestino independente.

# Negras: Mulheres sem abolição

Sylvia Masini



Edna, Suely e Niza querem o pagamento da dívida interna com os negros

O brasileiro ainda tem vergonha de ser negro? A julgar pelos censos nos quais os pesquisadores optam pela auto-denominação, sim. Tem gente que prefere ser azul-escuro. "É claro que tem vergonha", admite Suely Carneiro, coordenadora do programa Mulheres Negras do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), "ofinal, ele é educado para se odiar. Negro é sempre sinônimo de favelado ou marginal". Essa visão trata de um efeito da ideologia do embranquecimento: "A sociedade brasileira coloca o branco como o ideal a ser atingido", completa Edna Roland, coordenadora da Comissão de Mulheres Negras do Conselho Estadual da Condição Feminina (CECF).

Para Suely Carneiro o racismo é ocultado pela chamada ideologia da "democracia racial": "O Brasil assume para fins internos e externos a idéia de que aqui se vive num paraíso racial, livre de conflitos violentos à moda dos Estados Unidos e África do Sul. Enquanto no Brasil a questão da discriminação da mulher é explícita a ponto de encontrar-se codificada nas leis que estabelecem a precedência do homem sobre a mulher, a luta fica mais difícil para os negros, já que oficialmente não há racismo e nenhuma lei que explicitamente uma proposta racista". Edna Roland, alerta ainda para que: "Dizer que o negro que ascende na vida como Pelé via o branco é uma maneira de dividir e criar a imobilidade social".

"Se socialmente falta espaço para os negros e negras, no movimento feminista ele tem crescido, de acordo com Nilza Iraci do Coletivo da Mulher Negra da Baixada Santista: "Hoje em dia é difícil acontecer um debate no qual a mulher negra não participe da mesa". Houve avanço no momento em que as mulheres negras deixaram a lamentação e partiram para a ofensiva. "Quando o movimento feminista discute a violência doméstica e sexual, as mulheres negras acrescentam à pauta a vio-

lência racial e policial", exemplifica Edna Roland.

Mas como é a mulher negra? Essa imagem o CNDM e o CECF querem tornar nítida através de uma discussão ampla a ser realizada durante esse ano do centenário da abolição. "Ainda perduram alguns estereótipos, de duas facetas opostas", comenta Edna; "De um lado a mulata como símbolo sexual. De outro, a desvalorização estética total representada pela imagem da preta velha, gorda, assexuada". No Brasil, à exceção da mulata, **black is not beautiful**, o que resulta numa série de limitações profissionais para as mulheres negras, a começar pelas que envolvem atendimento ao público.

## Axé na Constituinte

A Constituinte aprovou: racismo é crime inafiançável e imprescritível. "É o mínimo que os negros poderiam esperar", pondera Suely Carneiro. Ela considera, ainda que as leis frequentemente não sejam respeitadas neste País on-

## Comemoração e denúncia

"Não há o que comemorar neste centenário da abolição, mas muito para denunciar", garante Suely Carneiro. Para concretizar esse objetivo, o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher está definindo um programa que questione a situação da mulher negra no País. Entre os eventos previstos: uma grande campanha pela imprensa e o calendário das mulheres abolicionistas.

Edna Roland aponta que a discussão sobre a mulher negra é bastante recente, por isso o Conselho Estadual da Condição Feminina optou pela realização de uma série de seminários, destacando a área da saúde, que levantará doenças específicas ou de maior incidência na raça negra, caso da anemia falciforme, além da polêmica

de graxa à impunidade e a corrupção, que a existência do preceito constitucional é um fator importante a partir do qual a comunidade negra pode lutar contra as práticas discriminatórias.

Outra vitória política obtida na Constituinte, segundo Nilza, foi a quase aprovação da emenda que estabelecia que o Brasil não manterá relações, acordos ou pactos com países que adotem políticas oficiais de discriminação racial. "Surpreendeu o fato de 265 parlamentares votarem contra o apartheid, faltando apenas 15 votos para a aprovação", comenta Suely.

Caso a nova Constituição não corresponda a todas as expectativas das mulheres negras, ela serviu, no entanto, para revelar a mais importante liderança negra da atualidade: Benedita da Silva (PT-RJ), a primeira negra deputada constituinte do País. "Hoje, Bené não é apenas uma líder negra", enfatiza Edna, "mas a maior líder feminina do Brasil".

Neste ano de eleições, Suely, Edna e Nilza apontam o espaço político como a principal praça de luta. "Eleger mulheres negras comprometidas com nossa causa é importante", analisa Suely Carneiro, "mas é difícil viabilizar economicamente essas candidaturas, orçadas em milhões de cruzados. Mas Bené abriu um precedente importante. Ela conseguiu se eleger dentro da favela".

No entender de Suely, Edna e Nilza, as principais bandeiras que as mulheres negras levarão durante esse ano são: luta pelo rompimento de relações com a África do Sul e pagamento da dívida interna que a sociedade brasileira tem com o negro, que passa pelo acesso à terra, moradia, educação, saúde e trabalho.

questão da esterilidade.

Mais dois eventos marcarão o centenário da abolição em São Paulo: o Tribunal Winnie Mandela, que terá participação do CNDM e da OAB Mulher, a ser instalado em maio. "Pretendemos julgar neste tribunal", diz Edna Roland, "a Lei Aurea, assinada por uma mulher, a princesa Isabel, e suas consequências econômicas, políticas e ideológicas". O CECF também vai realizar uma mostra da produção cultural, na qual as mulheres negras serão autora ou tema e um calendário das orixás femininas (Iya-Azba). E no dia 8 de Março, as mulheres negras saem em passeata na ala "Sem Abolição", carregando duas bandeiras: uma da unidade africana (verde, amarelo, vermelho e preto) e outra lilás, do movimento feminista.



*Estamos chegando do fundo da terra, estamos chegando do ventre da noite, da carne do açoite nós somos, viemos lembrar.*

*Estamos chegando da morte nos mares, estamos chegando dos turvos porões, herdeiros do banzo nós somos, viemos chorar.*

*Estamos chegando dos pretos rosários, estamos chegando dos nossos terreiros, dos santos malditos nós somos, viemos rezar.*

*Estamos chegando do chão da oficina, estamos chegando do som e das formas, da arte negada que somos, viemos criar.*

*Estamos chegando do fundo do medo, estamos chegando das surdas correntes, um longo lamento nós somos, viemos louvar.*

*Estamos chegando dos ricos fogões, estamos chegando dos pobres bordéis, da carne vendida nós somos, viemos amar.*

*Estamos chegando das velhas senzalas, estamos chegando das novas favelas, das margens do mundo nós somos, viemos dançar.*

*Estamos chegando dos trens dos subúrbios, estamos chegando nos loucos pingentes com a vida entre os dentes chegamos, viemos cantar.*

*Estamos chegando dos grandes estádios, estamos chegando da escola de samba, sambando a revolta chegamos, viemos gingar.*

*Estamos chegando do chão dos Quilombos, estamos chegando do som dos tambores, dos Novos Palmares só somos, viemos lutar.*

(A de O Missa dos Quilombos)



# Apesar do Centrão e do Sarney, a Constituição avança

Laurimar Coelho

*Não faltou torcida contra do Centrão, nem intrigas ao pé do rádio, mas com poucas exceções a Constituinte avançou na votação do capítulo dos Direitos Sociais, aprovando novos instrumentos coletivos de defesa e a condenação do racismo e tortura como crimes inafiançáveis.*

## Dírcia (Tutu) Quadros (PTB-SP)

Eu vejo a Constituinte até agora com simpatia, apesar da atuação do Centrão. Acho que em um País machista como o nosso, a votação da questão do aborto foi extremamente prejudicada. No entanto, posso dizer que obtivemos uma vitória se analisarmos que conseguimos impedir que ele fosse criminalizado. Na verdade, devemos avançar muito mais nas leis ordinárias, pois na Constituinte tivemos que lutar contra três emendas referentes à defesa da vida no momento da concepção. O fato é que nem mesmo as mulheres discutem a questão do aborto e isso se deve à ignorância cultural que se encontra enraizada em nosso povo. As mulheres discutem violência, sexualidade, mas parece que ainda não estão preparadas para discutir o aborto.

Outro avanço nas votações já realizadas foi com relação à pena de morte. Se os esforços da bancada feminina não fossem significativos, esse absurdo seria aprovado. Além disso, existem as conquistas a nível de igualdade de salários e de condições de trabalho e a recente conquista da licença gestante de 120 dias. Eu tenho recebido algumas críticas por parte de algumas mulheres da esquerda, mas estou ciente de que tenho colaborado para a elaboração de uma Constituição que de um modo geral vai beneficiar as camadas mais populares de nossa sociedade.

Contudo, lamento que os trabalhos da Constituinte estejam tão vagarosos e isto pode até significar mais quatro anos de mandato para o presidente Sarney. A

falta de quórum nas votações é uma atitude vergonhosa e demonstra total falta de responsabilidade por parte de alguns constituintes.

## Raquel Capiberibe (PMDB-AP)

Se analisarmos a votação como um todo, percebemos que obtivemos alguns ganhos. Quanto à questão da mulher, por exemplo, alguns pontos foram reconquistados, como por exemplo a licença gestante que estava numa situação delicada. Na verdade, durante a votação só passa o que tem acordo. Acho que uma das principais vitórias da bancada feminina foi o trabalho em conjunto para se invalidar a questão da criminalização do aborto. Na polêmica gerada em torno do aborto a que importa realmente é discu-

## Política

tirmos a questão enquanto mulheres, sem pensar em quem é contra ou a favor.

O que tenho lamentado profundamente é a falta de quórum durante a votação de algumas emendas, a exemplo da apresentada pelo deputada Dírcia Quadros, no que se refere à assistência espiritual e, principalmente, a que foi brilhantemente defendida por Benedita da Silva (PT-RJ), que apontava a necessidade do Brasil cortar as relações políticas e econômicas com os países que mantinham uma política segregacionista. De um modo geral não vejo as próximas votações com otimismo. No entanto, acredito que enquanto a mobilização popular se mantiver forte, a atuação do Centrão poderá ser reduzida. Um exemplo desta ação popular foi uma campanha realizada recentemente pela CUT, quando espalhou uma série de cartazes contendo as fotos de políticos considerados corruptos por eles. Os resultados desta mobilização repercutiram rapidamente em favor de algumas conquistas populares.

## Beth Azize (PSB-AM)

Com relação à votação do primeiro título referente aos Princípios Fundamentais, o dispositivo de maior alcance foi aquele referente à questão do racismo. Na verdade, o resultado de sua votação poderia ter ficado melhor, pois o texto da nossa Constituição apresenta o grave erro de ser extremamente conceitual. Isto quer dizer que ele deve ser mais determinativo. Deve dizer claramente o que deve e o que não deve ser proibido. Por exemplo, há um item que se refere ao racismo afirmando: "Deve-se promover a superação dos preconceitos". O que isto significa? Como saber ou identificar uma atitude preconceituosa para depois penalizá-la? Na minha opinião, o texto deve ser o mais claro e socialista possível. Quando o Estado proíbe ou libera determinada questão deve viabilizar esta lei para que ela possa ter uma finalidade.

Na votação do primeiro Capítulo o que mais nos deu trabalho, principalmente para mim, foi a atuação do grupo evangelista em favor da inserção da criminalização do aborto no texto constitucional. Isto não pode ocorrer. Uma vez criminalizado, como executar as penalidades?

Certamente a mulher pobre continuará a praticá-lo em clínicas clandestinas e será o alvo da punição, enquanto que as mulheres das classes mais favorecidas conseguirão escapar das penalidades. Atualmente cerca de quatro emendas a favor da criminalização do aborto já foram apresentadas por esses grupos conservadores e muitas ainda vão surgir no decorrer das votações. Já que não podemos legalizar o aborto temos que impedir que ele seja criminalizado.

A questão da estabilidade no emprego, a licença de 120 dias concedida à gestante, juntamente com a licença paternidade, além da extensão dos direitos trabalhistas às empregadas domésticas foram avanços significativos. Ainda no campo dos direitos trabalhistas, destaco a proibição de diferenças salariais entre homens e mulheres que exercem funções semelhantes e do ingresso de menores de quatorze anos no mercado de trabalho.

## Moema São Thiago (PDT-CE)

Acho que os resultados alcançados na votação do 1º Capítulo foram bastante positivos, principalmente se analisarmos o fato de que conseguimos obter a aprovação da licença paternidade e da licença de 120 dias para a gestante. A bancada feminina tem se mostrado bastante unida, principalmente na questão do aborto, quando conseguimos evitar que fosse criminalizado. A presença da bancada feminina, aliás, tem sido majoritária em Plenário. Infelizmente a falta de quórum tem sido responsável pelo prejuízo de muitas conquistas dos trabalhadores. As principais dificuldades que temos enfrentado e que provavelmente ainda vamos enfrentar é o machismo por parte não apenas de alguns constituintes presentes no plenário, mas da imprensa que abre grandes espaços para a participação masculina deixando muitas vezes a atuação da bancada feminina em segundo plano. Quando votamos a licença paternidade, por exemplo, várias piadinhas e chacotas foram feitas em plenário por integrantes de vários partidos.

Acredito que nas próximas votações o ritmo deverá ser o mesmo. No entanto, apesar desta questão do aborto, acredito que cerca de 70% das reivindicações serão atendidas.

## Principais medidas aprovadas

- O racismo é crime inafiançável e imprescritível
- Tortura, penas cruéis, tratamento desumano ou degradante são crimes inafiançáveis, insuscetíveis de graça ou anistia, juntamente com o tráfico de drogas, terrorismo e racismo
- Fim da censura no rádio e na televisão, bem como em toda manifestação intelectual, artística e científica
- É garantida às presidiárias a condição de permanecer com seus filhos durante o período de amamentação
- Ninguém será preso senão em flagrante delito, ou por ordem escrita e fundamentada da autoridade judiciária competente
- É garantido aos cidadãos o mandado de injunção, que possibilita reclamar a vigência das liberdades constitucionais
- Através do Habeas Data, qualquer cidadão poderá requerer a entidades particulares ou governamentais informações registradas sobre ele, exigindo sua retificação ou destruição
- É assegurado aos partidos políticos, sindicatos e associações o mandado de segurança coletiva
- Limite de quarenta e quatro horas semanais de jornada de trabalho
- Jornada máxima de seis horas para o trabalho realizado em turno interrompido, salvo negociação coletiva
- Serviço extraordinário com remuneração no mínimo de 50% acima do normal
- Licença remunerada à gestante, com duração de 120 dias e licença paternidade de oito dias, sem prejuízo do emprego e do salário
- Aviso prévio proporcional ao tempo de serviço
- Proibição da diferença de salários e de critérios de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil.

# Na luta de classe, sem perder o tesão

Maria de Fátima Lourenço

*O resultado dos trabalhos constituintes pode mudar radicalmente o ritmo de vida da professora, deputada e futura mamãe Telma de Souza. Acostumada ao trabalho legislativo, ela poderá vir a ser a primeira mulher a ocupar a chefia do Executivo santista (Santos, Interior de SP), caso as eleições para prefeito sejam confirmadas para este ano.*

Histórias não faltam para contar na vida de Telma de Souza: "Já subi morro, desci morro, saí na frente de passadas, apanhei da polícia..." A cada pergunta, ela tem várias respostas: "Estou com 43 anos, nasci no dia 29 de setembro de 1944. Sou de Santos, sim, santistíssima. Libra, com ascendente em sagitário." Se estiver à vontade não mede as palavras e o sorriso. Para os inimigos potenciais ou declarados, no entanto, prefere escolher com cuidado os adjetivos que vai usar. Mas não abre mão do que considera a questão central da sua atuação: a luta de classes que, conforme conta, lhe "desvendou a realidade da vida" aos 17 anos, com a leitura de Paulo Freire: "Aí eu percebi onde era o meu lugar".

Mas não há sisudez por trás dessa visão política do mundo, que distingue claramente o patrão do empregado. Há, sim, uma mulher que se questiona diariamente, "para não virar política profissional" e sente-se aflita com a falta de janelas na Assembléia Legislativa. Ali, entre uma história e outra, declara-se apaixonada, "sem lenço, nem documento, mais casada hoje do que antes". Para provar, no final do expediente, apanha o telefone para avisar que chegará a tempo de ver, com o marido, a última sessão de cinema.

Se for confirmada a realização de eleições para prefeito, o vai-e-volta diário entre a Capital e a Baixada Santista deverá dar lugar a uma intensa campanha eleitoral, a quarta de sua vida política. Telma de Souza é tida como a candidata natural do PT à prefeitura de Santos, fato que ela prefere condicionar à decisão dos seus pares; mas que deverá ser ratificada, na pré-convenção que o partido realiza ainda este mês, antecipando-se as definições oficiais sobre o assunto.

Não é segredo, porém, que habitação, transporte e turismo são algumas das prioridades que defende para Santos, ao lado da questão ambiental, pela qual é mais conhecida e identificada, devido à postura crítica que tem mantido nessa área: "A luta de classes assume vários aspectos e também está presente claramente na questão ambiental", diz Telma, lembrando, entre os problemas da "Baixada", a instalação do pólo industrial de Cubatão num lugar onde nunca poderia ter sido criado; o lixo químico que a Rhodia nunca poderia ter despejado a céu aberto, mas depositou; os deslizamentos dos morros da Serra do Mar, que presenciou pela primeira vez aos 10 anos de idade; a falta de caminhões de lixo, mangues aterrados e praias poluídas, até pelo esgoto de São Paulo.

A questão ambiental para ela "é tudo aquilo que estiver relacionado com a qualidade de vida". E isso inclui o planejamento urbano, lazer e a discussão do problema da terra, da reforma agrária, temas que levou para a Câmara Municipal de Santos a partir de 1982, quando foi eleita vereadora com 6.249 votos.



Telma de Souza: militante política, mas com prazer

Essa foi a primeira disputa eleitoral que Telma participou diretamente. Era a única mulher em plenário, situação que sua mãe já havia vivenciado em 1968. Mas a formação política de Telma começou bem antes disso: "Tinha 6 anos quando meu pai foi vereador em Santos pela primeira vez." Houve outras três reeleições, até que ele foi cassado pela Revolução de 1964, na sua última gestão, quando, presidente da Câmara pelo PTB, deveria assumir o cargo de prefeito santista - vago pela morte do titular e cassação do seu vice, também apoiador de João Goulart.

Telma tinha 20 anos e a família Souza, na época, chegou a pensar na sua candidatura para as eleições de 1968. Mas a candidata acabou sendo sua

mãe, que continuou, então, a dividir com ela a incumbência de sustentar a casa. Lecionando desde os 13 anos, Telma conta que, com o banimento político do pai, viu-se obrigada a buscar mais aulas na rede estadual de ensino: Até de Matemática, quando as disciplinas que lecionava na área de humanas foram banidas do currículo escolar. Aí já era 1973, ano do golpe do Chile. Seu pai havia morrido e ela terminara as faculdades de Pedagogia e Direito.

### Sem tesão não vai

A opção da deputada estadual Telma de Souza pelo PT, veio, conforme explica, pela sua própria origem: o pai era estivador e a mãe, tesoureira no lape-

tec, um instituto semelhante ao INPS que atendia aos funcionários do Porto de Santos, onde tem hoje uma das suas principais bases de apoio.

Em 1984, três anos depois da morte de sua mãe e no meio do seu mandato de vereadora, tentou pela primeira vez conquistar a chefia do Executivo santista. Os 35 mil votos que recebeu, no entanto, não foram suficientes para elegê-la. Mas serviram de sustentação para a campanha a deputado estadual, em 1986. Na Assembléia Legislativa é vice-presidente da Comissão de Meio Ambiente, que pela sua avaliação fez um trabalho muito bom em 1987, "cumprindo 80% do que havia se proposto". A perspectiva de interromper o trabalho que vem desenvolvendo para disputar uma nova eleição provoca algumas reflexões para Telma: "A grande preocupação é não acabar virando política profissional. Nesse meio, você tem que estar atenta, porque o ambiente te consome, você começa a raciocinar por modelos; desaparece a curiosidade do mundo."

E acrescenta: "Se descuidar, vira político com olhos opacos. A pressão é nesse sentido, fazer sem emoção, sem tesão e, principalmente, sem convicção." Para Telma, os "modelos" estabelecidos levam a isso: "Tenho aflição - referindo-se à Assembléia Legislativa - por esta Casa não ter janela. Se eu estou no plenário e quero conversar com Santos, onde estão os que me elegeram, tenho que subir dois andares, até chegar no meu gabinete. Porque lá não tem telefone para fazer ligação interurbana." E fulmina: "O parlamento burguês é concebido assim, para não ter espaço de luta, de participação com a população".

Para contrapor-se a essa tendência e não acabar achando que "o mundo é o que acontece aqui dentro", lançou mão dos ensinamentos de Wilhelm Reich e resolveu continuar diversificando, através de aulas que continuará ministrando este ano na Universidade Santa Cecília dos Bandeirantes, em Santos, onde leciona há dez anos: "Faz bem à saúde mental, porque permite o contato afetivo com outra geração, ajuda a equilibrar e a saber qual o herança que deixamos".

Além disso, muita leitura, cinema, teatro e um tempo especial para o casamento apaixonado que vem mantendo com um companheiro 15 anos mais novo que ela, o que lhe vale ser alvo de uma série de comentários irônicos para os quais tem uma resposta bem marota: "A questão cronológica não afeta. Cada um deve saber das suas necessidades, do que precisa".

A única preocupação que a idade lhe traz, no momento, é saber se ainda poderá engravidar, sem fazer disso um gesto de alto risco. Por enquanto continua aguardando o resultado de uma série de exames necessários para sinalizar a decisão. Se não for possível já "temos" outra solução: "O casal adotará uma criança".

Maria de Fátima Lourenço é jornalista

# Um caso exemplar da guerra do patriarcado contra as mulheres

Uma carta para o juiz Kevin Burke, a juiz do corte distrital do Condado de Hennepin, Estados Unidos, que decidiu a casa de Rea, Genean Robinson escreveu: "Rea Robinson... é minha prima mais velha, crescemos juntos. Lembro-me de Rea em seus anos de juventude como uma criança doce e sensível. Ainda vejo Rea sob aquela luz, só que hoje ela se tornou uma vítima da sociedade, e uma mulher que vai e vem no sistema de justiça criminal. Eu me pergunto por que; será porque ela não tem instrução completa, nenhuma qualificação para o trabalho, nenhuma terapia ou consultoria para o que ela desesperadamente precisou para reestruturar sua vida? Uma pessoa com 16 anos de problemas de vivência ambiental só poderia fazer aquilo que se aprende na vida das ruas?"

Cheryl Howard, diretora em exercício do Projeto Abuso Doméstico de Minneapolis, também escreveu: "Como estou certa de que estão cientes, prostitutas nessa sociedade são vítimas que estão muitas vezes à mercê de circunstâncias, instituições e indivíduos... falta de educação e opções econômicas viáveis como resultado do racismo e do sexismo que nega a elas a principal alternativa de sobrevivência financeira. Elas estão à mercê do reforço da lei e das instituições de justiça criminal que acham mais fácil processá-las do que aos 'losês' que as usam ou uma sociedade desigual que explora as mulheres. Estou à merce de instituições de serviço social que não estão preparadas para lidar com os múltiplos problemas que forçam as mulheres no caminho da prostituição e que resultam da própria prostituição. As prostitutas são muito vulneráveis a qualquer um que abuse delas — desde outros mulheres que menosprezam e negam a vida da prostituta até a polícia, fregueses, namorados e maridos que emocionalmente e fisicamente abusam e as exploram. Enquanto prostituta e mulher negra, Rea Robinson é uma vítima de todas essas áreas. E infelizmente, enquanto uma prostituta que é HIV positivo sua vitimização é ainda maior."

Em 1985, Rea tentou mudar sua vida ao entrar para o tratamento de dependência química na Eden House. Enquanto estava lá, tinha direito ao teste de Aids gratuito na Clínica de Prática Familiar do Centro Médico do Condado de Hennepin. Seus testes voltaram positivos. Num momento de confidencialidade, um empregado do centro

médico contou o Condado de Hennepin, deu o nome dela, informou seus antigos prisioneiros por prostituição e o estado de seus anticorpos. Em março de 1986, Rea foi presa sob a acusação de prostituição. A despeito das previsões do Ato de Práticas de Doentes de Minnesota (e de outras leis estaduais que proíbem a revelação de dados médicos confidenciais), a polícia revelou o estado dos anticorpos de Rea numa corte aberta. Seu advogado, Phillip Guillaume, argumentou que seus direitos de privacidade haviam sido violados em violação à lei que considera informação médica. "A revelação de dados médicos confidenciais é uma violação seriíssima dos direitos de qualquer cidadão, e não é tolerável. Afeta o público como um todo quando este tipo de informação é revelada. Pode acontecer com ela, pode acontecer com qualquer um".

A revelação deste tipo de informação impulsionou uma agressiva campanha de mídia que acompanharia Rea pelo próximo ano e meio. Seu nome, endereço e fotografia foram carregados pela imprensa. Uma foto de Rea foi liberada para a TV WCCO pelo Departamento de Polícia de Minneapolis. Isto causou a ela e a sua família a sujeição a agressividade pública, incluindo ameaças telefônicas, mais atenção contínua da mídia.

Em setembro último, Rea Robinson foi presa pelo oficial da Polícia de Minneapolis Robert Goederz por "perambular com intenção de prostituição", uma acusação que requer que um policial seja literalmente um leitor de mentes. Incapacitado de prender Rea por abordá-la, Goederz prendeu-a baseado na intenção dela de fazer tal coisa.

Rea foi fichada e solta sem fiança até o julgamento. De acordo com o xerife Don Omodi, ela foi solta em concordância com um registo estadual de procedimento criminal que requer a soltura de suspeitos não-violentos e de bom comportamento a menos que os carcereiros tenham razão para suspeitar que possam causar prejuízo corporal a outros, cometer outros crimes ou impronáveis de aparecer no tribunal. A audiência de provas concretas contra Rea, bem como sua concordância com uma ordem "proibindo-a de se engajar na prostituição ou em qualquer outra atividade que pudesse resultar na transmissão do vírus da Aids", foi a maior razão para sua soltura, como ela mesma reconheceu.



O juiz do Condado de Hennepin, Franklin Knoll, desafiou a afirmação de Omodi de que existe procedimento criminal nesse caso. "Você não precisa ser professor de direito criminal para ver que a possibilidade de infectar alguém com Aids pode constituir prejuízo corporal. E apenas senso comum". O Promotor Público George Widseth reforçou o preconceito e a ignorância de Knoll ao comparar Rea a "... alguém andando pelas ruas carregando uma bomba relógio". A ambos se juntou o igualmente desinformado e preconceituoso juiz Robert Schumacher que declarou: "Se uma mulher que é vista como uma prostituta ativa e que carrega o vírus da Aids não é um perigo para a sociedade, então não sei quem é". Tais declarações não apenas inflamam uma já histórica imprensa, mas revelam que Knoll, Widseth e Schumacher sabem menos sobre a transmissão de Aids do que sobre os iguais obrigações da lei.

Ainda em setembro, Rea foi trançada numa cela de 3,5x4,0m, o tamanho de um pequeno banheiro. A cela é toda de ferro, com os pés afimados no chão. O colchão é um pedaço de espuma de borracha de duas polegadas. O banheiro e a pia são feitos de aço inoxidável, o que toma um quarto do espaço da cela. A temperatura sempre parece fria, e sentar na privada é um choque. Há uma escrivaninha com um banco afiado que toma outro quarto do cômodo. O chão é de concreto e também é frio. Como roupa de cama, obtêm-se dois lençóis — de fora e de cobrir — um coberto (reciclado), um travesseiro e fração. Ela foi tratada como leproso, encarcerado, feita centro dos comentários. Os comentários eram mal-educados, rudes, muito cruéis. As ocupantes perguntavam: "Posso pegar algo estendo perto dela, tomando banho e comendo com ela?" Uma outra perguntou se poderia pegar a doença lendo atrás dela.

Em novembro Rea recebeu a sentença de servir dez anos menos prisão estadual feminino em Shakopee. Isto a despeito do fato de que ela nunca violou o mandato do juiz Knoll de se manter longe do prostituição; a despeito do fato de que Genesis House (um programa residencial para mulheres que escapam da prostituição em Chicago) estava disposta a ajudá-la a ter um no-

vo começo numa nova cidade; e a ironia final, de que as acusações de vagabundagem foram derrubadas por falta de provas.

O julgamento de Rea não terminou. Numo recente conversa telefônica com Rea, ela contou que o Departamento de Saúde de Minnesota enviou uma petição à corte pedindo que ela seja encarcerado por tempo extra quando completar sua sentença. Está pedindo também um período de prova depois de sua libertação. O caso de Rea terá sérias ramificações para as mulheres em todo o País. Num recente programa de televisão transmitido nacionalmente, Geraldo Rivera lançou uma campanha de ódio e medo contra as prostitutas, chamando-as de "Marias lúidas dos anos 80". Contrário à pesquisa existente sobre transmissão de mulheres para homens, Rivera erroneamente nomeou prostitutas junto com usuários de drogas intra-venosos como os maiores transmissores de Aids dos Estados Unidos. A legislação proposta em Nevada, Carolina do Norte e outros estados condena as prostitutas e pede duros termos de prisão para mulheres com o vírus da Aids. Numo sociedade histórica pela Aids, as cortes de Minnesota deram Rea Robinson como um exemplo para todas as mulheres. Continuando a molestar, encarcerar e prender mulheres que são usadas na prostituição, ou são suspeitas de serem prostitutas — enquanto permite que os homens que as compram e vendem estejam livres — as cortes estão assegurando o direito dos homens de fazer o tráfico de mulheres e crianças para uso e abuso sexual. Ao sujeitar tais mulheres ao teste obrigatório de Aids, as cortes estão levando a longo prazo aos homens que as mulheres que eles compram certamente estão livres da doença; enquanto que os homens que as infectam permanecem livres para literalmente "foder" outras mulheres até a morte.

Cartas de protesto à perseguição e encarceramento de Rea Robinson podem ser enviadas para Women Hurt in Systems of Prostitution Engaged in Revolt, Rockefeller Center Station, PO Box 5514, New York, 10185, aos cuidados de Sarah Wynter.

Artigo publicado pela "Whisper", tradução de Paula Magalhães



## Marisa Altomare Ariente

Ultimamente têm acontecido algumas discussões sobre prostituição no Brasil. O I Encontro de Ação Cultural e Prostituição, que ocorreu em Jundiaí (SP), em junho de 1987 e o Encontro Nacional de Prostitutas, no Rio de Janeiro, em julho do ano passado, são exemplos da preocupação e do interesse que o assunto tem despertado.

O interesse surgiu de todos os lados. As prostitutas se organizaram e se fizeram representar nos encontros, debatendo idéias e fazendo depoimentos sobre sua realidade. A igreja participou também enviando agentes pastorais e/ou prostitutas das várias regiões do Brasil onde trabalham. Entidades estatais ligadas à área da saúde (médicos da Secretaria da Saúde do Rio de Janeiro), da cultura (Ministério e Secretarias de Estado), institutos de pesquisa nacionais, o Instituto Superior de Estudos Religiosos (ISER) e internacionais (antropólogos vindos do Peru e Bolívia com interesse no mercado de trabalho não formal) e grupos isolados de pesquisadores que tratam do assunto também estiveram presentes aos dois encontros. Houve ainda cobertura da imprensa de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

Constatado o interesse que existe a respeito do assunto por parte de vários segmentos sociais, seria importante retomarmos alguns pontos que foram discutidos e que geraram conflitos de idéias nos debates e obrigaram a diversas entidades presentes à tomada de posições objetivas com relação aos aspectos sexuais e morais que envolvem a questão, como também sobre o reconhecimento da profissão de prostituta.

Como resultado disso, alguns grupos feministas espalhados pelo Brasil têm se manifestado sobre as questões levantadas, gerando um debate muito importante e, segundo nossa visão, não somente revelador da idéia que a sociedade brasileira faz das prostitutas, como também das implicações mais amplas que o tema atinge.

Consideramos importante, para encaminhamento mais objetivo dessa questão, fazermos aqui uma discussão sobre a realidade das prostitutas.

Por que uma mulher se torna uma prostituta? Segundo uma pesquisa que

realizamos desde 1983 na cidade de São Paulo, com prostitutas do Bairro da Ipiranga, Consolação e Vila Buarque ("Boca da Lixa"), Santa Ildegênia e Campos Eliseos ("Boca da Lixa"), as razões são várias. As causas estão ligadas às condições econômicas e sociais que são dadas a certos segmentos da população.

Em nossa sociedade, dominada pela competição e desigualdades sociais, os grupos com poucas condições econômicas para sobreviver são obrigados a encontrar caminhos de vida que possam atender às suas necessidades. Nessa realidade, crianças são abandonadas pelos pais, outras roubam e outras conseguem estudar e posteriormente acham empregos nas fábricas, nas escolas, em lojas, em escritórios, em bancos, em construções e até mesmo no campo, nos áreas rurais. Algumas mulheres, ainda, são vítimas do falso moralismo das famílias e são obrigadas a sair de casa para trabalhar sem ter condições de competir no mercado de trabalho.

Essas poucas condições de trabalho que são apresentadas a algumas mulheres e que são consequência da educação diferenciada que se dá na família para meninas e meninos, fazem com que a prostituição esteja incluída entre as opções possíveis de trabalho, e elas, enquanto sujeito de sua ação, optam por essa atividade, como podem optar por se tornarem empregadas domésticas, balconistas em lojas, "cassas" de supermercado ou outras atividades.

Claro que simplificar questão tão ampla a uma afirmação, é mascarar a realidade. Para nós, discriminar as prostitutas faz parte de um falso moralismo, que marca sem piedade a vida de algumas mulheres e mantém com grande eficiência o relacionamento hierárquico entre homens e mulheres.

A prostituição, juntamente com o casamento monogâmico, é necessária para a manutenção dessa organização social em que vivemos. Se pararmos um pouco e pensarmos desse prisma, a diferença entre a trabalho da prostituta e o dos outros trabalhadores não é tão grande quanto parece. Na verdade, todos os trabalhadores vendem seu cor-

# No Brasil, continua a luta pela cidadania

po, ou melhor, sua força de trabalho, por um tempo determinado, a um patrão, e em troca disso recebem um salário. No entanto, a maioria das ocupações não é tão discriminada. A prostituta é uma privilegiada nesse assunto. É considerada como uma marginal, como "líxio" das ruas, como propagadora de doenças. Mas, como sabemos, apesar disso, é a grande responsável, dentro da moral sexual aceita e pregada entre nós, pela iniciação dos homens em nossa sociedade (os ricos e os pobres, os conhecidos e os desconhecidos, os nossos parentes e os nossos companheiros) e também servem como "distração" (já que são consideradas mulheres indignas ou simples objeto de uso) para executivos e trabalhadores jovens e velhos, solteiros e casados.

Algumas vezes podem se levantar contra essas colocações e lembrar da mudança dos tempos, da revolução sexual, da maior liberalidade sexual entre os jovens etc., e nessa realidade a prostituta não seria mais tão procurada pelos homens. No entanto, se a prostituta não tivesse clientes, ou seja, se não existisse demanda por seu trabalho, ela não sobreviveria, pois não ganharia dinheiro com ele. O que ocorre na verdade, é que o mercado para esse trabalho existe, e temos 10 milhões de prostitutas em nosso país — segundo os dados da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Essa parcela da população deve ser simplesmente esquecida? Não se deve tocar em um assunto tão "delicado" para não deixarmos os grandes responsáveis pela situação, não só das prostitutas, mas de todos os trabalhadores, chacados ou irritados?

Assumindo a postura de que o trabalho da prostituta é pior que o trabalho, estaríamos assumindo a posição moralista de que o sexo, em nossa organização social, não é uma mercadoria como outra qualquer; mercantilizável pela TV, cinema, revistas. Na verdade, o sexo como mercadoria é uma realidade, e não é só na prostituição. A prostituta é produto de relações capitalizadas entre indivíduos e, como outros, deveriam ter direito a sobreviver com dignidade. Trabalhando em lojas, em escolas ou em casas de família, não são as mulheres, mas todos, não passamos de trabalhadores dentro de um esquema "empresarial" bastante complexo, onde homens exploram outros homens e

onde a "moral" vista como sinônimo de puritanismo é valorizada com regras que fazem uns se submeterem a outros. Por que não lutar pela reconhecimento do trabalho das prostitutas? Deveríamos simplesmente esquecer que esses 10 milhões de mulheres existem? Ou será que devemos continuar a não transformar a realidade concreta vivida por nós, pensada enquanto totalidade, e "lutar" somente em seminários, por meio de idéias, sem agir sobre essa realidade, porque nós, mulheres intelectuais, sociólogas, vamos resolver os problemas de todos os segmentos sociais somente "pensando" em seus problemas? A reivindicação pelo reconhecimento da profissão parte das próprias prostitutas. Elas querem a direito à cidadania. Não tem o direito de pensar por elas. Elas não são as representantes legítimas de seu grupo. É legítimo se negar realidade, e negar a existência de sua organização que ora se inicia, postura antagônica à própria condição social e política assumida por nós que lutamos por uma sociedade mais democrática e mais justa.

A prostituição não é crime e, segundo a legislação vigente, somente sua exploração é que deve ser reprimida. Alguns temem que o reconhecimento da profissão de prostituta legitime também os grandes exploradores da negação. Isso, no entanto, é uma questão política: explorar trabalhadores nas fábricas, explorar mulheres em casa, explorar crianças com trabalho muito cedo, é válido e legal e aceito, mas explorar prostitutas "não pode", é "ilegal" e "desumano". Quem legitima as explorações? Existem explorações válidas ou passíveis? Todos nós não estamos, nessa realidade, sujeitos às violências constantes em nossa cotidiana?

Concluímos que a discussão que se deveria fazer sobre o assunto não é essa. As próprias mulheres envolvidas com a prostituição é que devem procurar os caminhos que desejem e escolher seu futuro a partir de sua organização política que se inicia hoje. Elas, com certeza, "andando com as próprias pernas", irão questionar, refletir e transformar a realidade de sua vida e fazer sua história.

Marisa Altomare Ariente é socióloga, chefe do Depto. de Sociologia de Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP), professora de Sociologia e Antropologia da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) e assessora técnica de gabinete da Secretaria de Estado de Cultura de São Paulo.

# Moda: "baby-boom" da revolução sexual

De passagem pelo Brasil para montar a mostra de moda dos anos 70, a historiadora e arqueóloga Lydia Kamitsis, responsável pela conservação das peças da Union Française des Arts du Costume (UFAC) — uma das duas entidades que trabalham com o Museu de Moda de Paris —, fala sobre a evolução desse segmento nas últimas décadas e do trabalho desenvolvido pela Ufac e pelo Museu.

## Paula Mageste

A moda tem sido vista com outros olhos, infinitamente mais benevolentes. Não apenas pelos grandes *couturiers*, que descobriram um filão inesgotável, mas pela própria intelectualidade, que resolveu examinar de perto a adequação dos rótulos que a ela atribuíra. Resultado: uma reviravolta. Discutir e estudar moda virou literalmente moda na Europa e descobriu-se aí uma boa perspectiva para a análise social, tomando-a como ponte entre a história e a modernidade.

No mundo inteiro, o jornalismo especializado em moda está sendo encarado com mais seriedade. Na França, as conseqüências foram mais profundas. A Union Française des Arts du Costume (UFAC) e a Union des Arts Décoratifs (UAD) juntaram suas coleções há dois anos para criar o Museu de Moda de Paris — Musée des Arts de la Mode —, que funciona no Grand Louvre; no Jardin des Tuilleries.

A UAD, situada no pavilhão de Marsan, dispõe de uma coleção que abraça têxteis do século XV até hoje. Fundada há 40 anos por profissionais e entidades ligados à moda, a Ufac possui um acervo de 9 mil peças de vestuário e 35 mil acessórios.

Lydia Kamitsis, assistente de conservação da Ufac, revela que "o objetivo dessa associação é conservar todas as roupas e acessórios que fazem uma civilização. Não apenas alta costura, mas tudo o que as pessoas usam todos os dias, em todas as partes do mundo".

Segundo Lydia, a idéia de se criar um museu de moda surgiu por volta de 1980, sendo de fato concretizada em 1986 com a reabertura dos espaços restaurados do Louvre. "Há um museu municipal de moda, mas não está interessado na preservação de roupas modernas. Seu ponto forte são peças do século passado, em alta costura principalmente."

## Alta tecnologia

Para fazer a catalogação das peças, a Ufac vem trabalhando há um ano com um sistema computadorizado chamado "video-disque", com fotos de cada unidade e dos detalhes mais interessantes. "A idéia surgiu com o aumento de nossa coleção. Como as peças são muito frágeis, não podemos deixar que as pessoas examinem tudo. Então, elas utilizam o computador. Os curadores do Metropolitan Museum de Nova York vão implantar o mesmo método, inspirados em nossa idéia."

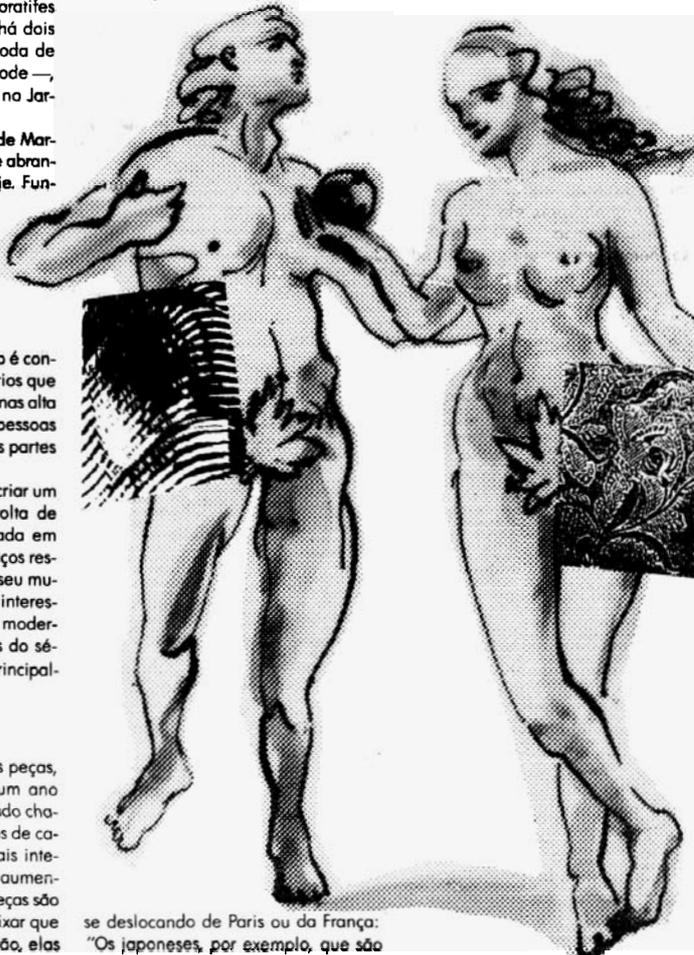
A aceitação do Museu pode ser considerada um sucesso, a ser medida também pelo grande número de doações que a Ufac recebe. Lydia afirma que muitas vezes as pessoas fazem doações porque não sabem como conservar as peças, mas estão certas de que poderão consultar o Museu quando quiserem. "As 'maisons' de alta costura, por exemplo, não têm estrutura nem qualificação para conservar peças e montar um arquivo. Somos o arquivo de todo o mundo: alta costura, industriais, da civilização francesa".

## Moda e modernidade

Ao falar das mudanças ocorridas na moda nas últimas décadas, Lydia não acredita que o eixo de produção esteja

italianos também. Paris é a estação obrigatória da moda; todos têm que passar por ela".

Lydia Kamitsis faz um paralelo entre a criação dos anos 60/70 e a atual: "A concepção das roupas que usamos hoje vem dessa época. Surge uma nova mulher, mais independente. É o 'baby-boom' da Revolução Sexual. As mulheres trabalham, há o movimento feminista. As roupas usadas até então não eram adequadas para o trabalho ou para as greves, por exemplo. Nos anos 60, pessoas como Courrèges ou Cardin entenderam essas mudanças e criaram algo com que a mulher pudesse andar, dirigir, estar livre também em seus movimentos. Além do mais, todos os jovens estilistas de hoje começaram nesse período."



se deslocando de Paris ou da França: "Os japoneses, por exemplo, que são o maior evento dos anos 80, deram um novo impulso à moda, trouxeram novos materiais, novas linhas, um novo 'savoir-faire'. Mas eles começaram em Paris. Os

Num momento em que a situação econômica em diversos países está abalada, mais mudanças ocorrem na mo-

da, como o enfrentamento entre a alta costura e o prêt-à-porter e a efemeridade das coleções. "O momento é criativo, mas tudo anda depressa, inclusive a moda. A diferença de geração agora não é mais entre pais e filhos, mas entre pessoas de 20 e 25 anos. Os estilistas são obrigados a trabalhar mais rápido, e ninguém consegue ser gênio o tempo todo. Eles questionam o que fazer. É um momento curioso. No entanto, não diria que a alta costura está em crise. Ela agora é um laboratório de experiências."

## Arte e sexos

Esse laboratório de experiências em que se transformou a alta costura, sem dúvida é um dos fatores determinantes para que a moda esteja agora tão intimamente ligada à arte e considerada como tal. Lydia pensa que isso é uma conseqüência natural do processo que estamos vivendo, com o inchaço da mercado de arte. "Sob o ponto de vista sociológico, até o começo do século a figura do artista correspondia a um estereótipo: alguém muito importante ou muito miserável. Hoje em dia, todos se consideram artistas. Desde o começo do século, a moda é de fato arte, porque os estilistas gastam muito tempo na criação e buscam materiais e formas especiais, muitas vezes sem considerar a próprio corpo da mulher".

Historiadora e arqueóloga, trabalhando com moda há três anos, Lydia pretendia fazer um estudo da sociedade contemporânea sob um ponto de vista arqueológico e encontrou na moda um excelente instrumental. Com essa bagagem, discute as diferenças no vestuário masculino e feminino e as relações de poder aí presentes.

"Não sei se a questão da moda para homens e mulheres é tão absoluta. A roupa clássica masculina é a calça, camisa e paletó. Não sei se isso é mais confortável do que uma saia ou um longo. O conceito de conforto hoje não é o mesmo dos anos 40. Até mesmo os hábitos higiênicos eram diferentes. Acho que as roupas nem sempre se desenvolveram através de conflitos entre o que é confortável, racional e mora para se usar. Não há regra, cada período desenvolve suas leis".

Para Lydia, o ser humano se vale da moda para ser reconhecido enquanto tal, integrando a sociedade e, ao mesmo tempo, diferenciando-se dos outros indivíduos. "É claro que a moda surge de um ponto de vista masculino, mas é complicado dizer que houve imposição. Ninguém consegue impor se não existe uma predisposição mínima que garanta a aceitação".

claro que eu tive vergonha. Também, você chega lá e já te mandam tirar toda a roupa para vestir um roupão. Depois que te arrumam o cabelo e te fazem a maquiagem, pedem para você vestir uma calcinha, uma camiseta. É tudo ao contrário: primeiro tira tudo, depois se veste para tirar de novo. Mas eu não estava lá para isso mesmo? Quem ouviu Hortência falar dessa maneira, quase que se ilude e passa a acreditar que, na hora de tirar a roupa para a **Playboy**, ela se portou como uma garota do interior de São Paulo "vexada" com luzes e clics. Mas isso é tão verdadeiro quanto uma partida sem um único ponto da cestinha do basquete brasileiro. A melhor maneira de definir Hortência é imaginar um arremesso - preciso e perfeito - caindo. Trata-se de 1,74m de auto-determinação e 60 quilos de confiança em si própria.

Ela chega para a entrevista em sua casa toda suada, depois de duas horas de treino no sábado pela manhã, mas impecável dentro do seu uniforme da Mineral. Jogada num sofá estilo oriental impessoal (mais tarde ela faria questão de ressaltar que já enjouou dos móveis de sua casa), ela confere se as meias não estão arregaçadas e começa a armar a jogada: desculpas pelo atraso; precisa achar um advogado para resolver um problema de fotos publicadas sem sua autorização; vai tomar um banho rapidinho; tem que estar em São Paulo nas próximas duas horas; não, nada de fotos agora. A caminho do chuveiro, Hortência dispensa o carinho ao poodle branco Juli e, por tabela, lhe passa uma decompostura por ter feito xixi com a chegada das visitas. "Ele não pode ver gente nova que fica emocionado", explica. Ela não.

Volta de gatinha, mostrando pernas, barriguinha e se escondendo atrás de um bocado todo pintado de vermelha. Ela descobriu o basquete na escola com uns 12 ou 13 anos. Foi quando morava em São Caetano do Sul (nasceu em Pitirredaba, perto de São José do Rio Preto) que descobriu uma escolinha da prefeitura comandada por uma ex-jogadora da seleção, Marlene. Passa a mão pelos cabelos. Não olha para a câmera. Faz o gênero descontraído e desembrolha respostas prontas, com uma sinceridade nada ingênua: "É uma coisa muito forte falar que eu posei só pelo dinheiro. Não é só por isso, mas é lógico que o dinheiro tem a ver". Falam em Cz\$ 5 milhões. Além de não revelar, ela dispara: "Eu acho uma coisa tão íntima. É como me perguntar o que eu já consegui na vida. Não gosto de falar as coisas que eu tenho porque dá a entender que estou querendo aparecer".

Mesmo o valor não sendo revelado, ela já dá a dica de que foi bem empregado. Hortência comprou o apartamento dos seus sonhos (1 por andar) em São Paulo. "Lá eu vou receber os amigos, oferecer jantares e almoços. Deixo para conversas com a imprensa este aqui, em Sorocaba", planeja. E como

a cestinha não tem muita familiaridade com a cozinha, faz o lançamento para Angela, sua empregada há mais de dois anos. "A Hortência é uma graça de pessoa. Existe uma diferença entre a que está jogando, brigando na quadra e a Hortência como gente", ressalta. Angela conta que a patroa adora massas e pastéis, mas não come nem salsicha nem linguíça.

Grande frequentadora dos restaurantes Pensilvânia e The Place, além das badaladas Gallery e Le Onerabile Società, Hortência não esconde seu gosto pela agitação de São Paulo e afirma que passa todos os fins-de-semana na capital, a não ser quando tem jogos. "Mas se eu beber uma garrafa de cerveja, fico pinel, dando risada à toa". Atualmente, sua grande paixão é o jet ski e sair de barco, a partir das águas do Guarujá. Mas ela não é muito de falar de paixões que não o basquete. Maurício, o ex-noivo e jogador de valei da Pirelli, só entra na nossa conversa para Hortência justificar que tinha o seu apoio para posar nua. "Estou sozinha, nada sério", espalha.

### A Imagem e o Público

Hortência diz que joga e treina porque ama o que faz. Talento ajuda, mas o treino é fundamental. "Deus te dá o dom, se você não ajudar, não adianta nada". Para ela, subir na vida é consequência de duas palavras: esforço e dedicação. Hortência é formada há cinco anos em Educação Física e confessa que nunca foi a primeira da classe, mas estava na média. Mas na profissão, ela não aceita posições de reserva. "Não quero ser musa, nem nada. Só acho

que, depois que eu posei para **Playboy**, qualquer jogadora que receber uma boa oferta, vai posar também. Preciso de alguém ir lá e fazer, de um carro-chefe", frisa. Mas para mostrar o outro lado da jogadora, sem ser suada, tensa, Hortência teve dúvidas. "No começo eu não gostei da idéia porque fiquei preocupada porque não tinha nada a ver com o meu público. Eu tenho uma imagem boa com eles, e essas fotos poderiam prejudicar a minha imagem. Ai eu pensei muito e resolvi. Eu respeito muito a opinião das pessoas e acho que o público também tem que respeitar a minha opinião. Eu acho que não tem nada demais o trabalho que eu fiz", informa.

Quanto à torcida, ela garante que não está mais impossível depois das fotos. "Sempre xingaram. É um absurdo. Está virando baixaria tanto para o meu lado, como para o lado da Paula. Eles querem afetar você e usam tudo que podem. Daí que eu sou a piranha e a Paula, o sapatão", fuzila. Mas esse dello que, segundo ela, só ocorre dentro da quadra, é o principal responsável pelo basquete feminino, hoje, atrair mais do que o masculino. "A gente leva mais público. No masculino, tirando o Oscar que está fora, não tem mais ninguém. Tudo na mesma faixa, não são ídolos". Ela faz questão de ressaltar que sua rivalidade com Paula (jogadora da Unimep) é uma coisa saudável porque está sempre estimulando os dois lados a treinarem cada vez mais: "Dentro da quadra, quem pode mais chora menos. Eu não quero perder para ela".

E uma pausa para explicações: Hortência diz que não tem nada a ver es-

se papo de que ela é brava dentro da quadra. "Eu acho que esse negócio de querer ganhar pode até transparecer para as pessoas como se eu estivesse brava, mas não é isso. De vez em quando, você tem que dar uma chamada numa menina porque você é mais experiente e sabe que se der um toque, ela vai se mexer melhor. É tática de jogo: você dá uma chamada, ela te responde, você manda para aquele lugar, e ela acorda", revela. No sentido contrário, Hortência também foi "chamada" pela realidade ou melhor pelo medo do Aids. "Eu não mudei meu comportamento sexual porque ele sempre foi o mesmo. Não sou uma pessoa que fica trocando de parceiro, saindo para baixo e para cima. Mas... no fundinho, sempre tem uma pulguinha atrás da orelha. Falando a verdade, hoje, é uma roleta russa. Ah, então a gente tem que ter um cara fixo. E ele não cai fora de vez em quando? Você tem tanta certeza? Pode garantir que ele não escorrega um dia aqui um dia ali?..."

Hortência diz que quer se casar, "como toda mulher", mas não é uma obrigação. "Sou independente financeiramente e não preciso de ninguém. A única coisa é que eu quero ter filhos. Uma filha. Bom, se viesse gêmeos logo na primeira era melhor ainda", brinca. Ela não é religiosa de "ir à igreja", mas lê a Bíblia, reza e tem o seu Deus. Acha que o aborto deve ser liberado em determinados casos. "Se um tarado me agarra na rua, eu não vou querer ter o filho dele", exemplifica. Isso também seria válido para os dois primeiros meses de gestação de uma criança deficiente. Antes de tudo, Hortência vota na prevenção.

Apesar de se mostrar relativamente hábil politicamente, Hortência não gosta nem de falar no assunto. Ela não espera nada de novo para 88. "Você vai esperar o que desse pessoal?". Ela não acredita que acontecerão as eleições diretas, apesar de os políticos mudarem de idéia muito rápido. "Acho que a pessoa tem que ter uma postura. Então, quando vai falar alguma coisa, tem que pensar. Como eu: demorei para dar a resposta a **Playboy**, mas quando falei, cumpri. Acho que eles brincam muita com o público, precisa ter mais respeito", sugere. Hortência não tem candidatas à presidência da República, e nem planos para o futuro. "Não sei o que vai acontecer e nem quero saber. Posso virar treinadora, sei lá". Propostas para ir jogar no Exterior não faltam: Espanha, Itália etc. Mas Hortência não perdoa: "Nunca fui para lá porque não cobrem o que eu ganho aqui. Eu não revelo a quantia, mas sei que é muito difícil um outro clube daqui de dentro me tirar do Mineral. Agora, acha que eu vou para o Exterior, ganhando o mesmo, só para falar, olha eu aqui na Espanha?". E mais: ela garante que a fama combina com a vida do interior. "Estou a 40 minutos de São Paulo e tenho uma vida tranquila, com verde e sem paranóias de trânsito..."

Lia Carneiro é jornalista.



Hortência desembrolha respostas prontas

## Hortência: drible na polêmica

Lia Carneiro

*Depois de posar para a Playboy, poucas coisas mudaram na vida da jogadora Hortência, a não ser na quadra, onde a torcida "não perdoa", mas continua lotando as quadras em número mais significativo do que no basquete masculino.*

# Um, Dois, Três: Os muitos Vietnãs da tela

Luisa Rupert

Duda Machado

A exibição de **Full Metal Jacket** (**Nascido para Matar**), de Stanley Kubrick, despertou a possibilidade de uma comparação entre os diversos filmes já realizados sobre a guerra do Vietnã, no sentido de detectar qual a visão da guerra expressa por estes filmes. Depois dos movimentos de contestação dos anos 60, o desastre militar, político, moral e psíquico do Vietnã, ao lado do abalo provocado por Watergate, causou uma profunda perturbação na sociedade norte-americana. Mas, como observou Octavio Paz, o sentimento de culpa tem prevalecido sobre o exame crítico destas fontes de mal-estar. Para o ensaísta mexicano, um dos traços essenciais da mentalidade norte-americana é a substituição da visão ideológica e histórica pelo julgamento moral, algo assim como o pecado original do puritanismo.

Se descontarmos a irresponsabilidade propagandística e o **marketing** de glorificação guerreira de filmes como **Os boinas verdes** (1968) e **Rambo** (1982), a maior parte destes filmes, com variações de intensidade e pureza, traduz sobretudo um anseio de exorcismo moral. No documentário **Corações e mentes** (1974) de Peter Davies, há pouco espaço para a análise da seqüência de erros na condução da política de hegemonia norte-americana no sudeste asiático. Os depoimentos de ex-combatentes arrependidos, a condenação à manipulação pelo **establishment** da ignorância e do patriotismo kitsch das massas, a ridicularização da mentalidade militarista e do arrogância etnocêntrica, configuram mais uma necessidade de purgação moral do que uma análise crítica, um recurso perfeitamente acessível a um documentário. A responsabilidade moral comove e é uma dimensão necessária na revisão da guerra, mas o espectador sai com a impressão de que o estímulo à competição agressiva, mostrado pelos flashes sobre o culto de jogos violentos, está na raiz da invasão do Vietnã.

Em **Platoon**, tudo se passa num âmbito ainda mais superficial: os crimes de guerra são uma manifestação do mal, mas nunca o resultado de um embatamento da consciência que pode torná-los um ato inevitável e rotineiro. Ai estão presentes todos os clichês de uma narrativa voltada para o processo de educação moral de um americano entre **bad boys** e **good boys**. O contexto é a guerra do Vietnã, mas podia ser a gang de bairro; o simplismo converte-se em mistificação. Mas é no ambicioso e refinado



**Apocalypse Now** de Francis Ford Coppola que a hipertrofia moral adquire uma dimensão mais complexa. Em primeiro lugar, toda a visão da guerra é um termo de passagem para a vertiginosa aventura moral e espiritual do coronel Kurtz: Como se sabe, trata-se de uma adaptação da novela **O coração das trevas** de Joseph Conrad. Ao deslocar o contexto do colapso moral e espiritual de Kurtz para integrá-lo à barbárie do Vietnã, Coppola dissolve o caráter único e extremo dessa experiência de transgressão e liberação de camadas primitivas da psique; em seguida, obscurece a barbárie da guerra, uma barbárie organizada e feita de massacres rotineiros, ao submetê-la à narrativa de uma aventura extremada e excepcional vivida por um indivíduo. Hipnotizado por sua alegoria do apocalipse, Coppola reduz o horror da guerra à irrupção de momentos de exceção como um bombardeio aéreo ao som de Wagner e a insânia do comandante que aproveita o bombardeio para fazer surfe com seus soldados. E o que é pior, sem dar a essas seqüências um tratamento satírico. Seu Vietnã perde substância real e serve como trampolim para a hiperdramatização feérica de um Conrad desfigurado, para um picturalismo auto-complacente e exacerbado e, por fim, para o entrecruzamento artificioso de referências literárias (um personagem de Conrad lendo um poema de Eliot que tem como epígrafe uma fala deste personagem).

Em **Full Metal Jacket**, Kubrick escapa a todas estas armadilhas. A primeira parte do filme mostra a

formação dos *marines* através de um longo e violento ritual de iniciação em que todos os valores (família, religião, auto-estima) são reduzidos a zero para emergir o homem-máquina a serviço da corporação. Assim, tudo começa literalmente por um batismo: os recrutas recebem novos nomes, apelidos como Joker, Cowboy, etc. Sob um prisma freudiano, Kubrick mostra o deslocamento da energia erótica para o reforçamento do instinto agressivo. O agente desta metamorfose é o sargento Hartman e seu sadismo, por assim dizer, funcional, um componente necessário de sua eficiência. Ao fim de um processo opressivo de humilhações, o gordo e débil recruta Pyke converte-se à eficiência, mas não consegue acomodar a nova identidade à antiga, enlouquece, assassina o sargento-instrutor e se suicida. Para chegar a este clímax, Kubrick vale-se de dois recursos extremamente inventivos: a veemência contundente e a prodigalidade das fórmulas obscuras e doutrinárias de Hartman equivalem à magia de palavras rituais capazes de produzir a hipnose e a submissão. Ao mesmo tempo, Kubrick compõe sua **mise-en-scène** em torno de movimentos de câmera repetitivos: os closes fechados e os **travellings** circulares dentro do alojamento, as panorâmicas sempre iguais que acompanham a marcha e os treinamentos ao ar livre. Com esta simetria rigorosa, sublinha o caráter obsessivamente redundante e coercitivo do processo de integração.

Na segunda parte, o personagem central, o soldado Joker, chega ao

front. No capacete, a inscrição "nascido para matar"; no peito, o símbolo hippie da paz. Com perfeita maestria, Kubrick desautomatiza a expectativa criada pela violência do suicídio de Pyke. Em vez de bombardeios espetaculares, a banalidade perversa da guerra no atirador que fuzila, com displicência feroz, os camponeses do alto de um helicóptero; em lugar das grandes cenas de guerra, a rotina da violência e do medo nos pequenos combates em meio às ruínas de Huế, expressa pela mudez dramática dos **travellings** vacilantes. A guerra em pílulas concentradas que desfazem a expectativa convencional: a combinação desconcertante e autêntica de tensão, vazio e explosão assassina.

O episódio da guerrilha é exemplar porque revela o despreparo dos *marines* diante da guerra de guerrilha e o desconhecimento total da natureza do inimigo. A concisão de Kubrick restitui ao espectador uma informação brutal, original; corta-o da saturação de imagens já conhecidas (por fotografias, documentários e pelo próprio cinema). Crítica da dramaticidade ilusionista e dramaticidade crítica, moral da consciência da imagem em vez de imagens morais. O último plano do filme mostra o pelotão marchando e cantando o hino de Mickey Mouse. O desnudamento da guerra se completa: um bando de escoteiros perdidos na selva, exorcizando o medo com uma canção infantil e com saudades de casa.

Duda Machado é jornalista e poeta



A Era do Gelo  
Margaret Drabble  
Rio de Janeiro, Rocco, 1987

## Um silêncio, um beijo, uma bofetada

Dinorath do Valle

Anthony Keating, 38 anos, alto, moreno, graduado em Artes por Oxford, começa a existir em *A Era do Gelo* de Margaret Drabble numa quarta-feira de novembro, quando um faísco cai em seu lago, fulminado por ataque cardíaco. Anthony acaba de sobreviver "ao seu próprio ataque", vive "dias solitários e inativos" sem manteiga, cigarro, bebida e sexo, amarguradamente plantando legumes. Nenhum misticismo - a religião do pai eclesástico renegado -, apenas o talento de compositor, abandonado nas nascentes. Sobra o piano enchendo de melancolia as salas da mansão Casa Alta das Gralhas. Duas vezes hipotecada, infelizmente.

Anthony se casou com Bab's antes de se formar, graças às 200 libras emprestadas pelo pai. Enquanto a mulher se desencana e corre atrás de amantes, Anthony se emprega até como porteiro de hotel para sobreviver. Acaba na BBC, onde edita entrevista do precursor da especulação imobiliária, Len Wincolbank, que muda o rumo de suas aspirações. Faz sociedade com o colega Giles, compra terras na zona sul de Londres, obtém Mudança de Uso e pulveriza prédios antigos sem qualquer preocupação que não seja o lucro. A Imobiliária Delícia Imperial ascende. Bab's o acha lunático mas não se divorcia com medo da "pensão incerta".

Aos 30 anos Anthony conhece a morena bem vestida Alison Murray, esposa do diretor de cinema Donell, mãe de duas filhas problemáticas: Jane, obstinada e repressiva, Molly de 11 mais ou menos 60, fala e matricidade sofríveis. Anthony é generoso e paciente com Molly e conquista o coração de Alison, mãe super-protetora e autopunitiva.

Quando os negócios de Anthony, minados por dívidas e extravagâncias começam a desabar, faz frio de todos os lados, é uma era de gelo também para a Inglaterra, ferida pela superindustrialização e a busca do sucesso. A miséria e a morte rondam a Casa das

Gralhas e Alison tem que partir em insólita viagem à Cortina de Ferro. Jane provocara acidente de trânsito com vítimas, crime grave na Valáquia, "o mais obscuro dos estados comunistas, à exceção da Albânia". Alison quer amparar a filha mas comete erros elementares, como comparecer diante dos comunistas com casaco de peles. Jane descarrega nela todo ciúme que tem de Molly (a preferida), Donell descarrega Molly na casa de Anthony, fugindo às responsabilidades e abusando de sua fragilidade. O arauto das implosões Len Wincolbank, está na Prisão Aberta por falência, enquanto sua amante Maureen faz programas com seu mais recente patrão, o velho Derek.

Anthony começa a freqüentar o bar da aldeia para distrair Molly. Silêncio pouco pode fazer por Jane e dela se despede com frieza, na mente de ambas projetadas "cenas rápidas: um silêncio, um beijo, uma bofetada, um desmaio, lágrimas, arrependimento". Volta a Londres de trem e, em Blickley, enfrenta a imagem viva "dos especuladores imobiliários, que devastam como uma peste".

Jane pega dois anos de pena, Anthony vende a Casa por 35 mil libras e o Projeto Riverside por meio milhão. "O desafogo material arruína-lhe o espírito", consola-se com a bebida. Alison prefere-o assim, "até o sexo melhora". Len quebra o nariz de um detento e perde sua condicional.

Na Parte 3 a Autora presta contas ao leitor de forma muito original: "É chegado o momento de se imaginar um futuro para Anthony Keating. Os outros personagens já têm o seu: Max, que esteve "todo o tempo morto", permanecerá morto. Len sem Maureen; em 1980 ela se casará com Derek e fará Curso de Administração de Empresas. Evelyn Ashby, a quem não é permitido aparecer neste registro, não tornará a casar-se" (personagem que não existe no livro até o momento). A Autora levanta várias hipóteses sobre Anthony mas tem na manga um final espetacular todo seu, que envolve a fuga de Jane de Krusograda. Como se a apatia gelada de Anthony se rompesse em cristais e finalmente surgisse a motivação tão almejada para seu ato de viver. Com mão de mestra, Margaret Drabble relata as emoções desse final.

*A Era do Gelo* é o primeiro livro que a autora publica no Brasil (com dez anos de atraso). Nascida em Sheffield (1939), começou a publicar em 1963. Tem dez romances, muitos ensaios e três prêmios significativos: o John Llewellyn Rhys Memorial, o James Tait Black Memorial e o E.M. Forster. Elogiada pela crítica, inclusive da revista *Time*. Romance rico em análise da situação sócio-econômica da Inglaterra de após guerra, escrita sem malabarismos formais. Margaret Drabble não é nem feminista nem machista, ironiza a Inglaterra e pulveriza a Cortina de Ferro destrutivamente.

Dinorath do Valle é jornalista e escritora



## Um encontro com diferentes Carmens

Silvia Cintra Franco

Se você curte a poesia de Vinicius de Moraes, da dupla Ivan Lins/Vitor Martins e de Bob Dylan, este *CARMEN* de Wolf Wondratschek vai fazer você vibrar. Agora, se você é daquelas(es) que também apreciam a poesia de Adélia Prado, João Cabral de Melo Neto e Emily Dickinson, a leitura do poema de Wolf será com certeza um prato menor, mas jamais um desprazer.

Sua *Carmen* está inspirada na de Prosper Mérimée, Bizet e Saura. É mais do que a trajetória da vida de uma mulher, o que o Poeta apresenta é o traçado, o perfil da mulher ideal. Nela, em pauta, o eterno feminino. A busca do homem, do poeta, desde Dante passando por Camões e tantos outros até os dias de hoje à procura da Mulher Ideal.

Camões idealizava a Mulher: serena, apolínea, hierática, imperturbável, transfigurada, eterizada, descarnalizada, segundo uma visão inspirada no espírito clássica, renascentista. E com uma sutil doutrina do Amor neoplatônico, por pano de fundo, em que "transforma-se o amador na coisa amada". Em Wolf, o (des)encontro dos sexos nos anos 80 se dá em que o amador, *Carmen*, "transforma-se em si mesma". O Poeta ao descer a mulher do pedestal renascentista a humaniza. O que é melhor do que ser camonianamente tudo, isto é, nada.

O Poeta canta/narra *Carmen* através de seus encontros, um primeiro pela literatura, um segundo em Algeciras, um terceiro em Frankfurt. A sua *Carmen* tem muito da *Carmen* ferosa, indiferente, apaixonada de Bizet e Saura. Confirma: "admirável meu caráter", "indiferença provocante", "rebelde e insensata em sua vivacidade", "pecadora, incita os homens a disputar sua posse", valível, altaneira, bela, instável, em um "simples gesto do seu desprezo há mais paixão/que nos punhos levantados por mulheres em discurso". E, finalmente, a maravilha das maravilhas. perfeição suprema desta Mulher Ideo-

lizada: "mas você não participa do tribunal que julga a culpa masculina".

Dessa aspiração, o eterno feminino, parece que nenhum homem consegue escapar. E a *Carmen* de Wolf é uma Mulher que busca um "cara com braços fortes (...)" que a redima do mistério/ que o próprio Todo Poderoso não pode desvendar".

Não é de surpreender que este Todo Poderoso, feito à imagem e semelhança de sua criatura masculina, não possa compreender a Mulher. Principalmente, se sua criatura insistir em definir a mulher sem lhe dar ouvidos. Poetas Musas, transcritas e concebidas à revelia.

Se há um Eterno Feminino, por que não há um Eterno Masculino? São tantos já as mulheres poetas e nenhuma delas se notabilizou por dar às letras um Homem Ideal. O que acontece? Será que a quem cabe prover a vida e o dia a dia da vida, não há espaço para sonhar, idealizar um eterno masculino? A *Carmen* de Wolf esperava um cara de braços fortes, e chora, nos sonhos de Poeta, "por alguém que enfim seja mais forte" que ela. Só isso, mais forte?! Que aridez de fantasia a de *Carmen*!

Este longo poema ou novela poética de Wolf é menos rebelde e imprevisível ao gosto popular do que sua *Carmen*. Sua poesia já foi caracterizada como uma "lírica de jeans", "quase um clássico da poesia alemã contemporânea" e seu sucesso de sucessivas tiragens residiria não somente em sua estilística (linguagem popular, despretençiosa, da época, rimas de efeito, clichês, expressões idiomáticas) mas também na capacidade do autor de fala pelos outros.

Wolf é uma porta voz da atualidade. É o poeta da poesia dos anos 80: concisa, digerível, popular, *prêt à porter* para o grande público. Uma poesia que chega fácil, rala numa boa e não requer nem prática, sequer habilidade da parte do leitor. Um texto que ante denota do que conota, no sentido já kobsonianos da terminologia: o que você lê, é em geral, aquilo que o poeta quis mesmo dizer. Não há maiores sentidos ocultos, ambigüidades, segundas e terceiras leituras.

Talvez o êxito de Wolf resida na capacidade de apresentar cristalizados (pre)conceitos e imagens populares - quase caricaturas - amplamente aceitas: a revolução social, as feministas, a família, todos observados desde uma ótica já assimilada, digerida. Trata-se mais de um olhar curioso que inquisitivo. O leitor ao embarcar na leitura de seu texto, embarca num mundo familiar, sem riscos e sem sustos.

Mais interessante que sua Musa, talvez seja o próprio Poeta, que só pode "gozar o amor na dor de amar" da mesma forma como ansiava "sentir como nunca a dor do ciúme" e preferia "encenar já, eu mesmo/o medo de perdê-la um dia".

Silvia Cintra Franco é escritora e coordenadora da área de cultura do Conselho Estadual da Condição Feminina

## O universo da feitiçaria

A Feitiçaria na Europa Moderna  
Laura de Mello e Souza  
São Paulo, Ática, 1987

Lenira Marques Covizzi



A produção resultante da pesquisa histórica de Laura de Mello e Souza se adensa com o lançamento de princípios que se iluminam no fecho.

É tensamente intenso o palco giratório que a Autora escolhe como espaço em movimento para caracterizar a personagem (bruxa/feitiçeira), suas práticas e as perseguições de que foi vítima, para interpretações possíveis da bruxaria que também marcou a Europa do XVI ao XVIII. (v. 7. *Cronologia da repressão à bruxaria na Europa*, p. 57/58).

Os cenários em confronto mostram contradições de período e lugares que, com as descobertas marítimas, esboçam a geografia do mundo de hoje.

Ao surgimento do Antigo Sistema Colonial, das Reformas Religiosas, da consolidação dos Estados Modernos, de surpreendente produção artística e intelectual, fazem contraponto a perseguições, julgamentos e execuções da Inquisição e guerras religiosas.

Ciência e razão de um lado: o das elites, por exemplo, na revalorização dos clássicos. De outro, população analfabeta, legiões de marginalizados e a exacerbção da religiosidade popular dominada pelo medo-pânico, sentimento de instabilidade, de culpa; até a angústia coletiva que justifica uma religião das massas (magismo e elementos folclóricos) distanciada da dos teólogos e doutores da Igreja. A "afetivação da religião para as necessidades quotidianas está figurada em provérbio francês do período: "Deixe Deus fazer o que quiser, pois é homem de idade". Credulidade e senso crítico convivem.

Em sociedade iletrada não espanta a crença *no que se ouviu dizer*; para o que, narrativas inverossímeis de viajantes colaboram com a alimentação de imaginário fantástico. Os sentimentos também se especificam: o sofrimento é vivido com maior afastamento (ex.: infanticídio), como espetáculo - que sublima paixões obscuras e não resolvidas, o que é expresso artisticamente: (...) "Maneirismo e Barroca trouxeram para a tela impulsos sádicos, obsessão pela tortura, evocação do sofrimento físico, repressão sexual: "(...) E na vida quotidiana (...) "multidões acorreram aos Autos da Fé ibéricos, a execuções bárbaras de regicidas (...); aos suplícios de bruxas nas praças públicas das cidades ou nas clareiras e descampados rurais", compactuando e legitimando o espetáculo em fruição visual com-

plexa "exacerbada e barroca ela também".

O miolo do texto é a figura da perseguida, esboçada desde Grécia e Roma e assumindo configuração demoníaca (sujeição ao pacto) especificamente moderna. O perseguidor a Igreja - com o seu poder acossado -, para a depuração cristã e afirmação da fé, alimentando o medo ao Inferno.

Em 1233, a bula *Vox in rama* já acusa um *sabbat*, cerimônia típica da bruxaria. Abalado, o poder eclesiástico instala o inferno na terra, ao considerar herejes a todos os que não rezassem pelo seu catecismo: mauros, judeus, conversos, bruxos, magos, adivinhos. Tratados de perseguição pertencem a gênero que se desenvolve por toda a Europa, fazendo de seu material teórico especialidade, desde o *Manual do Inquisidor* (1376), de Nicolau Emérico; sendo considerado o primeiro dos grandes, o *Malleus maleficarum* (*O Martelo das bruxas*), dos dominicanos Sprenger e Kramer (1486), também usado pela Justiça Civil.

Império do medo foi instaurado pelo aparelho inquisidor: confissões extorquidas através de torturas físicas, intimidação pela arbitrariedade dos processos jurídicos, longos períodos de isolamento nos cárceres, execuções, são recursos da violenta perseguição às bruxas, em "recusa do universo popular pelo saber erudito" numa Europa política e socialmente instável.

A caracterização da personagem está escudada na pesquisa continuada que a Autora, professora de História Moderna na Universidade de São Paulo, tem publicado desde 1982 (*Desclassificados do ouro - a pobreza mineira do século XVIII*, Rio Graal). E essa coerência cativa o leitor pela consistência de sua expressão fabulada, mantendo o texto em aberto para interpretações possíveis de mais de uma leitura. Ainda: a oralidade do estudo aquece o âmbito épico de realidade dramática com pinceladas líricas.

Depois de apresentar a credulidade do enfoque romântico na compreensão expressiva do problema, o ceticismo da perspectiva racionalista, a fecundidade contemporânea da abordagem antropológica, a estudiosa puxa a brasa para o também seu caldeirão, em guinada só aparente ao tema de trama urdida com o universo de terror da feitiçaria no seiscentos e setecentos: como a análise da bruxaria em colônias europeias (a da Terra de Santa Cruz/Brasil continua interesse renovado) pode iluminar a compreensão da realidade dessas novas culturas iniciadas no Período Moderno.

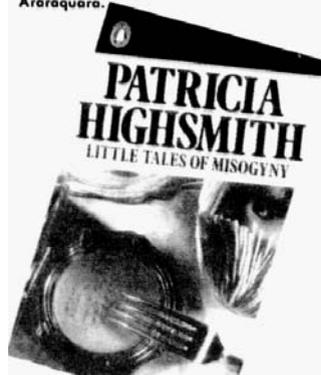
Esta apresentação e análise é perfil da condição da mulher no período, através do estudo da humilhação desumana que ela sofreu marginalizada como bruxa. Se os seus poderes fossem tão temerosos, não teriam elas querido, sabido e podido evitar ao menos parte do massacre de 20 mil pessoas (Gustav Henningsen) que foram queimadas e enforcadas pela acusação do crime e pecado de bruxaria?

E o objetivo final surpreende como num *roman à clef*: o palco dilacerado de longo período e lugares é pretexto para o convite ao trabalho em que esta água-forte em relevo se transforma. Neste tipo de gravura o ácido corroi as partes que aparecem na estampa como funda. Velhacamente, a feitiçaria na Europa Moderna é pressuposto da análise histórica da bruxaria brasileira dos tempos coloniais.

O equilíbrio com que é estudada a realidade excessiva, diante da qual atitudes apaixonadamente menos nuances não surpreendem - por guardar analogias com contradições semelhantes no quotidiano de análise contemporânea -, é uma das virtudes da apresentação do problema e análise da Autora.

A colônia, revela as entranhas da metrópole? (Marx) Lá, substituído o pensamento mágico, seguiu-se o afloramento do científico. Ora, no caso da bruxaria brasileira dos tempos coloniais não sucedeu o seu desaparecimento: "As bruxas coloniais eram perseguidas e presas por práticas análogas às das mães-de-santo de hoje". (55) Assim, incompatibilizar pensamento mágico e pensamento científico seria justificar caça às bruxas como mal necessária. Ou, como conclui mais essa alquimia de pesquisadora instigante, em provocação assumida: "Costumava ele *Einstein* dizer que, para enveredar no caminho da ciência, era necessário se afastar de Deus; mas que para afundar nele de corpo e alma havia que se reconciliar com o Criador: nem sempre ciência e descrença são amigos inseparáveis". (56)

Lenira Marques Covizzi é professora pesquisadora no Departamento de Literatura da UNESP - Campus de Araraquara.



Little tales of misogyny  
Patricia Highsmith  
England, Penguin Books, 1977

## Fragments da face feminina

Anésia Pacheco e Chaves

A inquietante Patricia Highsmith destroça a imagem feminina nos contos: "A Coquette", "A mulher novelista", "A bai-

larina", "A invalida" ou confinada ao leito, "A artista", "A dona de casa classe média", "A prostituta oficializada" ou "A esposa", "A procriadora", "O objeto de cama", "A perfeita pequena dama", "A sográ silenciosa", "A vítima", "A evangelista", "A perfeccionista e outras...

Na história da literatura é frequente encontrar textos críticos que apontam defeitos pessoais e/ou sociais, visando uma possível correção. São obras de moralistas que, da Grécia aos tempos modernos têm exercido uma função, digamos higiênica, procurando limpar as sujeiras da sociedade. Não é o caso de Patricia Highsmith. Friamente, ela se diverte e nos diverte com seu dístico humor. Nem ilusões, nem piedade, nem ideologia no retrato da espécie feminina que ela nos dá: seres mínimos, mentirosos, mesquinhas, inúteis, cruéis, procurando sempre tirar vantagem dos homens. Nada de abordagem histórica ou sociológica tentando explicar os porquês da situação.

Patricia Highsmith é uma autora que podemos chamar de pós-moderna. Indo além da crítica moderna iconoclasta que buscou liquidar os valores e a própria fé num Deus, à procura de epistemologias anarquistas, políticas mínimas, semiologias lacunares, grau zero do conhecimento ou "de uma douda ignorância"; e indo além do mestre da "desconfiança" Nietzsche e daqueles da desconstrução que tornaram inócua a problemática "das finalidades humanas", ou aquela do "humanismo", Patricia Highsmith (como outros autores pós) é indiferente. Seus personagens (em qualquer um de seus livros policiais) são amorais, não têm "má consciência alguma e cometem crimes mais ou menos por acaso ou por necessidade/vantagem circunstancial. Não existe, de fato, grande diferença de caráter entre seus homens e suas mulheres.

Uma postura ética em relação à misoginia da escritora, diria que não é justo culpabilizar a vítima pela sua opressão ou pelas consequências desta, e que, se os oprimidos, muitas vezes se defendem ou se vingam de maneira ingloria, é porque não têm outro jeito. Mas Patricia Highsmith pouco liga para a ética. No livro em questão, somente um de seus contos, "A puritana", sugere que as coisas podem mudar, já que as filhas da personagem que dá nome ao conto, têm outra postura diante da vida, tornando-se mulheres independentes, maduras e donas de seu destino, sem as fuscuras maternas e nem aquelas das outras "fêmeas" de Highsmith. Infelizmente não é possível constatar completamente a escritora. As mulheres do mundo frequentemente se parecem com aquelas de seu livro... Muitas não. Esperamos que da mesma forma que as filhas da "Puritana" se transformaram, as mulheres em geral possam fazer o mesmo, acompanhadas pelos homens e pela sociedade em geral...

Anésia Pacheco e Chaves é ensaísta e artista plástica

# O que fazia a mulher, enquanto os homens caçavam?

"A Mulher Coletora: preconceitos masculinos em Antropologia"  
Do original: *Woman the Gatherer: Male Bias in Anthropology*  
IN *Toward an Anthropology of Women*  
Edited by Rayna Reiter  
Monthly Press, N. York and London.  
1975 pp. 36-50

Maria José Taube



Roberto Emília Nejrma

O que fazia a mulher do pré-histórico, enquanto o homem caçava e se desenvolvia?

Com esta pergunta, Sally Slocum<sup>1</sup> levanta o véu sobre o papel de um personagem da história humana, quase sempre obscuro. - o da mulher. Ao fazer a crítica à Antropologia, enquanto uma ciência desenvolvida por homens brancos e ocidentais, a autora mostra como as perguntas podem ser moldadas pela especificidade de nossa situação histórica e pressuposições inconscientes. Assim, diz ela, escolhemos levantar certas questões e não outras ou iluminar certos aspectos e não outros, já que a Antropologia e antropólogos existem num contexto cultural específico. Se existe realmente uma tendência a uma "cegueira", como a que pode ser observada em estudos como *O Homem Caçador* e outros, é preciso agora colocar tudo sob um severo escrutínio pois preconceitos limitam nosso conhecimento e as perguntas que fazemos, afirma a autora.

Sua crítica é, neste texto, especificamente dirigida a Washburn e Lancaster<sup>2</sup>, autores de *O Homem Caçador* e que fazem uma leitura distorcida da evolução da espécie. Neste, a caça aparece como fator determinante do desenvolvimento da cultura e entendido como um padrão de atividade e modo de vida. Como dizem os autores, "A Biologia, a Psicologia e costumes que nos separam dos macacos, tudo isso devemos aos caçadores do passado"<sup>3</sup> (1968:303)<sup>3</sup>.

Slocum nos mostra que, se adotamos esta linha de pensamento e sua conclusão lógica, temos então de concordar com Jane Kephart, que diz "desde que somente os homens caçam e a psicologia da espécie foi criada pela caça, somos forçados a concluir que as fê-

meas são precariamente humanas, pois nesse caso, não possuem a base psicológica da espécie." Essa teoria implicaria na agressividade masculina construída e na passividade feminina, deixando a mulher fora da corrente evolutiva.

Frente a este argumento, certamente caberia a pergunta feita por Slocum: o que as mulheres pré-históricas faziam, enquanto os homens caçavam e se desenvolviam? Desta maneira, a cultura se desenvolveria a partir do macho da espécie pois, a caça exigiria do homem um sistema de cooperação entre os membros masculinos do grupo, uma visão aguçada, planejamento, conhecimento da geografia e das espécies animais, e além disso, habilidades técnicas. Poderíamos supor então que, através desta atividade, a caça, os homens desenvolviam suas habilidades aprendendo a cooperar, inventando a linguagem, a arte, criando armas, e instrumentos, e as pobres mulheres dependentes e passivas, ficavam "em casa", cuidando dos filhos e esperando os machos trazerem a carne.

Para Slocum esta é realmente uma reconstrução histórica engenhosa, mas, do ponto de vista lógico, deixa muito a desejar, pois a partir desse argumento, conclui-se que apenas metade da espécie evoluiu - a metade masculina.

Utilizando conceitos genéticos, a autora mostra que não há nenhuma evidência científica que demonstre que as habilidades desenvolvidas através da caça possam ser transmitidas pelo cromossomo Y ou que surjam influenciadas por ele. O que se sabe é que a aplicação de testes (psicológicos, de comportamento ou de inteligência) tem mostrado resultados semelhantes, para homens e mulheres. E a variação que geralmente se apresenta é no indivíduo e não no sexo. Além disso, reforça a Autora, os genes se distribuem aleatoriamente e cada indivíduo recebe metade de seus genes do macho e metade da fêmea. É possível que uma fêmea receba todos os seus genes de um ancestral masculino e um macho acabe recebendo todos os seus genes de um ancestral feminino. A lógica do argumento da caça nos levaria a acreditar que a pressão seletiva se deu apenas sobre o macho e que a fêmea da espécie foi simplesmente arrastada pela evolução. O rápido aumento do cérebro e sua complexidade seria, neste caso, inteiramente devido à metade da espécie - a metade masculina. E a principal função da metade fêmea seria sofrer e morrer em sua tentativa de dar à luz a bebês masculinos e de cérebros desenvolvidos.

A versão alternativa que Slocum nos oferece é a de considerar a pressão seletiva sobre ambos os sexos e a caça entendida como um dos muitos fatores que impulsionaram a evolução humana. Neste caso, diz ela, poderíamos considerar esta evolução com maior profundidade para poder ter uma visão

mais realista do papel e do desenvolvimento da mulher enquanto a outra metade da espécie.

Imaginemos o bando primata - diz Slocum. Cada indivíduo coletando seu próprio alimento e a relação mais duradoura, a da mãe com seus filhos. É em circunstância semelhante que imaginamos os protohomínidos. Não sabemos o que causou a neotenia (dependência mais prolongada do infante) ou o aumento do cérebro, mas, uma vez iniciado o processo, se instaurou a adaptação. Para explicar a mudança da coleta individual do primata, para o compartilhamento humano do alimento, não podemos simplesmente saltar para a caça. A caça não pode explicar sua própria origem.

A explicação mais lógica para o estabelecimento dos laços entre os indivíduos de um grupo ou o compartilhamento dos alimentos, seria assumir que, à medida em que aumentava o período de dependência infantil, as mães iam aumentando a quantidade de sucos coletados para prover os alimentos aos filhos ainda dependentes. Os laços já fortes entre mãe e filhos se estenderiam a períodos mais longos de tempo, aumentando a qualidade das relações sociais, dando origem ao primeiro compartilhamento de alimentos. Mesmo grupos primitivos em períodos modernos, mães e filhos coletam e caçam pequenos animais, por isso é difícil imaginar mulheres dependentes dos machos para se alimentar.

Sabemos que a coleta de alimentos se tornou importante muito antes que a proteína animal fosse acrescentada à dieta e continuou a ser, depois. Ossos, pedaços de pau e machados de mão, poderiam ter sido usados para cavar túberculos, ou para amassar vegetais duros para comê-los mais facilmente. Se, no entanto, ao invés de pensarmos, em termos de instrumentos e armas - sugere Slocum - pensarmos em invenções culturais, novas perspectivas poderiam ser apresentadas. Neste sentido Slocum levanta a hipótese de que as duas mais importantes e mais primitivas invenções culturais seriam recipientes para armazenar produtos da coleta e um tipo de cesta para carregar bebês. O último em particular, deve ter sido muito importante a partir do momento que se deu a perda do pelo do corpo e do aumento da dependência do recém nascido, que não poderia, e não tinha mais onde se agarrar. Desta maneira, a mãe ficava mais livre para fazer outras tarefas, de forma mais eficiente.

Se a caça cooperativa exige técnicas em organização social e comunicação, possibilitando a pressão seletiva sobre o tamanho do cérebro, Slocum sugere que períodos de dependência mais longa dos infantes, partos mais difíceis e períodos de gestação mais longa também exigiriam mais técnicas em organização social e comunicação, criaram também uma pressão seletiva, implicando no aumento do cérebro, sem que

se precise usar a caça como explicação. Da mesma forma, a coleta, como a caça, exigiria técnicas que permitissem a localização e identificação de variedades vegetais, conhecimento sazonal e geográfico, recipientes para carregar alimentos e instrumentos para a sua preparação.

Entre caçadores e coletores de períodos recentes este conhecimento é extremamente complexo, bem desenvolvido e parte fundamental de seu equipamento cultural. Cuidar de um infante dependente, curioso, energético, exige muito e é difícil. Ele deve ser vigiado, e ensinado sobre os costumes, perigos e conhecimentos adquiridos pelo grupo. À medida em que aumentava o equipamento cultural e a comunicação simbólica entre homínidos, a tarefa de treinar os menores exigia cada vez mais técnicas. E a pressão seletiva por melhores cérebros viria de muitas direções. Isso significa que o estudo sobre o Homem deve ser muito mais profundo e abrangente do que costuma ser e Slocum, entre tantos outros cientistas atuais, procuram dar os primeiros saltos, ultrapassando assim, os estereótipos e preconceitos há tanto tempo firmados sobre a evolução humana e portanto sobre papel que a mulher cumpre nessa caminhada evolutiva.

A base de qualquer disciplina, diz Slocum, não está nas respostas que obtemos, mas nas perguntas que fazemos. Neste sentido, afirma, este artigo avança ao fazer uma pergunta simples como essa: O que as mulheres faziam, enquanto os homens caçavam? Para Slocum, perguntas como essas só são possíveis quando se desvolve uma consciência política, pois é difícil questionar a sabedoria convencional, que é branca, masculina e ocidental. A consciência política, seja entre mulheres, negros, índios ou qualquer outro grupo, nos leva ao reexame, e reavaliação de hipóteses preconcebidas e "só assim", diz a autora, "podemos criar um estudo da espécie humana, apesar de, por causa de, ou até talvez devido a nossas visões distorcidas e perspectivas singulares".

Maria José Taube é mestrandora em Antropologia na Unicamp e pesquisadora da SOS-Ação Mulher

**Notas:**

- 1 - Slocum, Sally  
*Woman the Gatherer: Male Bias in Anthropology*  
IN: Rayna Reiter  
*Toward an Anthropology of Women*  
Monthly Review Press, N. York and London, 1975 - pp. 36-50
- 2 - Sherwood Washburn and C. Lancaster  
*Man the Hunter*, 1968
- 3 - Sherwood Washburn and C. Lancaster  
*Man the Hunter*, 1963: 303 citado pela autora, pp. 38

# Casa da Mulher Baiana, volta por cima

Laurimar Coelho

Elas surgiu em 1982 com o claro objetivo de congregar mulheres de todas as camadas sociais, independente de suas posições filosóficas, religiosas e político-partidárias, denunciando todas as formas de discriminação contra a mulher na sociedade. Após um período de dormência que culminou em 84, a *Casa da Mulher Baiana* ressurgiu em março.

Roberto Emilio Nejme

"Estamos otimistas. Somos cerca de 280 mulheres só em Salvador, sem contarmos com os vários núcleos já implantados no interior do Estado e pretendemos dar maior força ao trabalho que desenvolvemos desde o início de 85", comenta Ana Maria Andrade, presidente da Casa da Mulher Baiana, referindo-se aos novos planos previstos para o início deste ano. Segundo Ana, a preocupação central do órgão sempre foi a organização do movimento de mulheres através de subsídios e estímulos dirigidos às entidades feministas já existentes, além do auxílio no surgimento de novos grupos, assistência jurídica, psicológica e orientação sobre planejamento familiar, direitos trabalhistas e previdenciários, mercado de trabalho, formação profissional, educacional e vocacional, através de seminários, cursos, exposições etc.

Considerada como entidade pública há pouco mais de três meses, a Casa da Mulher Baiana vem atuando junto a conselhos, associações de moradores, clubes de mães, sindicatos, associações profissionais, partidos políticos, bem como comissões ou departamentos femininos em instituições organizadas, basicamente na capital baiana e em bairros da classe média-baixa sem, contudo, abandonar a questão da violência praticada contra a mulher rural: "No interior de nosso Estado a violência praticada contra os trabalhadores visando a apropriação indevida das terras chega a ser superior a outros Estados do Nordeste. No final de 87 realizamos uma série de palestras com enfoque para a questão da reforma agrária e o aumento considerável da violência contra mulheres e filhas de camponeses nesses conflitos de terras", afirma Ana.

Campanhas em favor das reivindicações das donas de casas, bem como pelas trabalhadoras urbanas, principalmente no que se refere à implantação de creches e novos planos de saúde foram outros destaques dentro das atividades desenvolvidas pela Casa da Mulher Baiana em 87. No entanto, segundo Ana, as dificuldades econômicas sempre estiveram presentes: "Quando paralisamos nossas atividades em 84 a



principal causa foi a falta de recursos econômicos. Atualmente, a verba adquirida pela entidade é proveniente basicamente da mensalidade paga por nossas associadas e de alguns eventos culturais que promovemos, a exemplo da Festa do Interior e dos bailes pré-carnavalescos como o de Yansá, realizado em dezembro. Mas, há também uma verba cedida pelo governo, uma vez que temos o registro de entidade de utilidade pública.

### Verba na direção certa

Segundo Ana Andrade, a maior falha existente nos movimentos de mulheres é a ausência de politização em seus planos de trabalho: "No começo deste ano recebemos parte da chamada subvenção social, uma verba de Cz\$ 42 milhões cedida pelo governo a cerca de 543 entidades assistenciais e filantrópicas. O que tem ocorrido, no entanto, é a falta de discussões mais profundas entre os vários grupos de mulheres a respeito de seu papel social. A maior parte deles preocupa-se em utilizar sua verba apenas com a distribuição de leite ou anticoncepcionais, deixando de ter uma postura mais politizada. Isto não vai acontecer na Casa da Mulher Baiana. Pretendemos utilizar nossos recursos em um programa

eficaz de orientação à mulher carente, através de cursos, encontros e palestras, sem abandonar os projetos de infraestrutura como o da distribuição de anticoncepcionais ou o do leite", explica.

Afastar os grupos feministas de uma postura exclusivamente assistencialista de resolução dos problemas cotidianos das mulheres, encaminhando-os para discussões mais abrangentes e de caráter político, econômico e social, na tentativa de fortalecer o poder de mobilização ativa das mulheres promete não ser o único objetivo da Casa da Mulher Baiana para este ano. Segundo Ana Maria, a Casa está assumindo uma postura vigilante nesse período de votação da nova Constituição: "No momento estamos envolvidas com a criação de um comitê de fiscalização dos trabalhos dos parlamentares e esta proposta já foi encaminhada ao governador do Estado, Waldir Pires", diz.

O fato é que nem mesmo o Conselho Estadual da Mulher em Salvador escapou às críticas de Ana Maria: "Este órgão está passando por uma fase de reestruturação em sua diretoria. A Casa da Mulher Baiana tem se empenhado no sentido de impedir que o Conselho contrate uma secretária executiva com um corpo de auxiliares sem condições de trabalhar ativamente em fa-

vor das reivindicações das mulheres ou na resolução de seus problemas mais abrangentes".

Insatisfeita com a atuação do Conselho Municipal da Mulher, que julga ser um órgão fraco, pouco pagado, Ana Maria pretende trabalhar junto à Casa da Mulher Baiana no sentido de pressionar o governo para dar maior apoio ao trabalho de muitos grupos de mulheres emergentes e a demais planos assistencialistas: "Veja o caso das creches implantadas pela Legião Brasileira de Assistência (LBA). A verba que é enviada a cada uma das crianças assistidas não é suficiente nem mesmo para suprir suas necessidades básicas. Muitas mulheres que se vêm à frente desse trabalho não encontram forças para solucionar os problemas pendentes e diminuí o interesse em dar continuidade a esse tipo de trabalho", critica.

Quanto às medidas mais urgentes para colocar em prática os novos projetos de trabalho da Casa da Mulher, Ana Maria afirma: "Vamos aguardar até março para implantarmos a nossa sede. A partir daí faremos plantões de atendimento a todos os grupos de mulheres que queiram intensificar sua mobilização e fortalecer o movimento de mulheres na Bahia, que ainda se encontra enfraquecida".

20  
mulheria  
mar. 88

## 1º Congresso Estadual da Mulher Advogada

Neste 8 de Março - DIA INTERNACIONAL DA MULHER - mais uma conquista feminina foi deflagrada, com a instalação da COMISSÃO DA MULHER ADVOGADA - OAB/MULHER, integrada à Seccional de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil.

Levamos nossa mensagem de solidariedade a todas as mulheres brasileiras e o nosso compromisso de lutar pelo respeito ao princípio de igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres.



OAB/MULHER  
Ordem dos Advogados do Brasil  
Seccção de São Paulo

## Internacional

**Nei Donne**, mensal, nº 12, dezembro de 87, Itália. A revista traz uma reportagem de nove páginas a respeito da relação entre irmãos e irmãs — as diferenças de criação, as disputas pelo poder etc —, faz uma retrospectiva do ano de 87, discute o casamento e a família numa entrevista com a presidenta do "sindicato da família" Paola Soave, coloca a questão do lesbianismo e investiga em que pé está sua relação com o feminismo e divulga a campanha de conscientização sobre a Aids, em que o famoso fotógrafo Ian Miles flagrou as mulheres mais bonitas do mundo e seus depoimentos. Esta edição traz um suplemento especial que fala de livros e autores, onde consta a brasileira Clarice Lispector. Redação e Administração: via Trinità dei Pellegrini 12, 00186 Roma, Itália.

**Mujer/Fempres**, janeiro de 88, nº 77, Unidade de Comunicação Alternativa da Mulher, Chile. Nesta edição há um destaque para o primeiro Congresso da Mulher Trabalhadora ocorrido na Colômbia, onde cerca de 3 mil delegadas de todos os sindicatos e regiões do país participaram. Sobre o dia internacional contra a violência à mulher, a publicação traz uma matéria sobre os altos índices existentes no Uruguai, onde para cada dez mulheres, duas foram estupradas, três espancadas por seus maridos, duas maltratadas por irmãos mais velhos e três haviam crescido presenciando a violência dos pais contra as mães. Mujer/Fempres, Casilla 16/637, Santiago 9, Chile.

**VIVA**, nº 11-12, ano 3, Centro de la Mujer Peruana, novembro de 87, Peru. Essa publicação elaborada pelo Centro de Mulher Peruana apresenta como destaque uma entrevista com Lidia Falcón, fundadora do partido Feminista Espanhol. Há também uma matéria de Gladys Acosta acerca da criação do Instituto Nacional de Apoio à Mulher Peruana, cujo principal foco de trabalho é a implantação de um seguro social destinado às donas de casa, o que tem gerado uma série de críticas por parte das feministas peruanas que vêem o Instituto como órgão controlista. Centro de la Mujer Peruana, Parque Hernán Velarde, nº 42, Lima Peru.

**La Tribuna**, nº 31/32, Centro da Tribuna Internacional da Mulher, Nova York, Estados Unidos. Neste boletim informativo elaborado pelo Centro de La

Tribuna Internacional de la Mujer estão incluídos alguns temas relevantes contidos no documento "Estratégias Orientadas para o Futuro e o Desenvolvimento da Mulher", realizado no Fórum de Nairobi, nas comemorações da Década da Mulher. Dos treze grandes temas analisados no documento, apenas sete foram abordados neste boletim, que tem como principal objetivo o entendimento correto do tratamento dado pelo documento às questões agrárias, à energia e meio ambiente, à exploração da mulher, à participação feminina na política e nos meios de comunicação. Centro de la Tribuna Internacional de la Mujer, 777 United Nations Plaza, New York.

**Mujeres en Acción**, Isis International, nº 9, setembro de 87, Chile. Nesta edição o destaque fica para o relatório acerca das principais conquistas obtidas pelos movimentos de mulheres no México, Nova Guiné, China, Canadá, Itália, Argentina, Índia, Chile, inclusive do Brasil. Segundo o artigo, as feministas brasileiras participaram ativamente das questões ligadas à reforma agrária e em solidariedade às trabalhadoras rurais da Paraíba, a matéria traz a carta das agricultoras enviada ao presidente José Sarney. A revista traz também uma extensa agenda com todos os principais encontros feministas internacionais realizados até setembro. Isis International, Via San Saba 5, Interno 1, 00153 Roma, Itália y Casila 2067, Correo Central Santiago, Chile.

**Mujeres del Continente contra la Intervención**, novembro de 87, nº 6, Frente Continental de Mujeres (FCM), Nicarágua. Esta publicação de oito páginas traz em seu editorial a luta dos povos da Nicarágua,

San Salvador, Guatemala e outros países da América Central contra os conflitos militares e a violação dos direitos humanos. Há uma matéria especial sobre a importância da Jornada Continental contra a Intervenção praticada pelos Estados Unidos na América Latina. Frente Continental de Mujeres (FCM), Apartado Postal 847, Manágua, Nicarágua.

## Nacional

**Informe Mulher**, Informativo do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM), Nº 4, dezembro de 87, Brasília. No editorial, Jacqueline Pitanguy, presidenta do CNDM, faz um balanço do ano de 1987, ao mesmo tempo em que convida todas as mulheres a continuarem sua luta em 88. O boletim faz um resumo do "9º Encontro Nacional Feminista", realizado em Garanhuns, PE, e do encontro de sindicalistas que houve em Brasília, no Senado Federal, em novembro do ano passado, que estabeleceu definições para questões específicas relativas aos seguintes pontos: jornada de trabalho e sua prorrogação, trabalho noturno, repouso semanal remunerado, benefícios, fiscalização, aposentadoria etc. CNDM: Ed. Sede do Min. Justiça, 5º andar, sala 505, Esplanada dos Ministérios, Brasília, DF. 70.064.

**Fala Maria**, nº 6, Centro de Clubes de Mães, novembro de 87, Pirituba, São Paulo - SP. Nesta edição o destaque fica para os artigos referentes à mulher no segundo projeto da Comissão de Sistematização da Assembléia Nacional Constituinte. Há também uma matéria que traça um paralelo entre feminismo e feminino, abordando a luta

das mulheres por melhores condições de trabalho e de vida, além da necessidade de conscientização contra a discriminação à mulher. Centro de Clubes de Mães, Avenida Raimundo Pereira de Magalhães, 4582, Pirituba, São Paulo.

**Corrente**, nº 296, dezembro, 87, Pirapora, Minas Gerais. Na primeira página, a publicação traz uma matéria a respeito da denúncia feita por um lavrador da cidade de Jequitaiá contra detetives da região que teriam torturado sua filha. Segundo a matéria, a doméstica Edna Marei, filha do lavrador, teria sido amarrada e espancada nua pelos policiais na tentativa de fazê-la confessar um roubo de jóias. Corrente é uma publicação da Associação Artística e Cultural de Pirapora, Rua Quintino Vargas, 374, Caixa Postal 40, Minas Gerais.

**Vamos**, Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Ano 1, nº 03, Novembro de 87, João Pessoa, Paraíba. O editorial trata da importância das eleições diretas para a presidência da República e a revista ainda traz uma matéria especial sobre a acusação feita pela ONL contra o Brasil, considerado um dos países com um dos maiores índices de violação dos direitos humanos. Segundo a matéria, a ONU teria enviado ao Brasil em outubro de 86 uma carta pedindo informações sobre as medidas adotadas pelo governo brasileiro para proteger os trabalhadores rurais envolvidos em conflitos de terras, que não teve resposta. Centro de Defesa dos Direitos Humanos, Avenida Almirante Barroso, 74 - Centro - Caixa Postal 93, João Pessoa, PB.

**Um Outro Olhar**, Ano 1, nº 1, Setembro - Dezembro de 87, São Paulo. Boletim elaborado pelas associadas do Grupo Ação Lésbica Feminista (GALF) e integrantes do Movimento pela Livre Orientação Sexual (LAMBDA). Faz uma discussão sobre vivências das lésbicas como resistência aos papéis impostos pela sociedade machista. Nesta edição, traz também uma matéria sobre o filme **Vera**, de Sérgio Toledo que retrata o conflito pessoal e social vivido por uma mulher lésbica. O boletim reúne também uma série de depoimentos que relatam as vivências lésbicas de várias mulheres de alguns Estados brasileiros. Para obter o boletim escreva para GALF, Caixa Postal 62.618 CEP 01295, São Paulo.

## A Greta Garbo brasileira



Eva Nil, a estrela do cinema mudo brasileiro

A Cinemateca Brasileira comemora em 1988 os 90 anos do Cinema Brasileiro. Como parte dos eventos programados está o Projeto Eva Nil, coordena-

nado por Carlos Roberto Rodrigues de Souza, que inclui a edição de um livro sobre a atriz, um programa de TV com duração de uma hora produzido pela Rede Cultura e uma exposição impressa circulante sobre Eva e outras estrelas do cinema brasileiro antigo.

Eva Comello nasceu no Egito, filha de pais italianos, e aos 4 anos veio para o Brasil. Seu pai montou um estúdio fotográfico em Cataguases (MG) e por volta de 1924 estabeleceu contato com Humberto Mauro, com quem decidiu fazer filmes em sociedade.

Eva então adotou o sobrenome artístico de Nil e estrelou o primeiro filme do cineasta, *Primavera da Vida*, de 1925. O sucesso veio de todas as partes do Brasil e até mesmo do Exterior, devido à grande extensão de material fotográfico utilizado na divulgação da atriz que, segundo Carlos Roberto, "fazia o gênero ingênuo-melancólico".

Depois de rodar mais dois filmes — *Senhorita Agora Mesmo* (Cataguases, 1927) e *Barro Humano* (1928) — Eva se retirou da vida cinematográfica no auge da carreira, em 1929, aos 19 anos. Este foi um dos aspectos que lhe renderam constantes comparações com Greta Garbo, além do tipo de conformação facial que ambas possuíam, em que a beleza é desnudada apenas pela câmera.

Eva voltou então para Cataguases, onde dirigiu até há pouco tempo o estúdio do pai. Aos 78 anos, falando de si mesma na terceira pessoa, recusa-se a receber a imprensa, a exemplo de Garbo. No entanto, será capa do Livro de Ouro que marca os 50 anos da Federação Internacional dos Arquivos do Filme (FIAF), sediada na Bélgica, com foto cedida pela Cinemateca Brasileira.

## Feminismo para crianças

Dentro das comemorações do Dia Internacional da Mulher, o Conselho Estadual da Condição Feminina e a Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo estão patrocinando a peça infantil juvenil *Procurando Firme*, encenada pelo grupo Pinta o 7 & Cia., vencedor de

diversos festivais de teatro amador. Segundo Neyde Veneziano, responsável pela adaptação e direção do texto de Ruth Rocha, a peça "evoca a difícil trajetória do destino que uma mulher desenha para si", através da história da princesa Linda Flor.

## Jet Ski, novo esporte

Ag. Folhas



Viviane Trama, campeã de jet sky

Um misto de motocross e ski na neve, o jet ski surgiu no Brasil no ano passado e vem ganhando cada vez mais a adesão das mulheres. "O jet ski é mais acessível, não é bruto e se adapta à constituição física da mulher", afirma Viviane Trama Federighi, campeã no 1º torneio oficial do esporte e com grande experiência em cross.

O jet ski nasceu no Japão, a partir da necessidade da indústria de idealizar algo diferente para presentear seus clientes. Quando a novidade chegou aos Estados Unidos, a coisa pegou de vez. No Brasil, os primeiros campeonatos se realizaram no ano passado, mas não eram oficiais, os pilotos eram estreatantes e as máquinas não-regulamentadas.

Logo em seguida, a Federação de Motonáutica abriu espaço para um departamento de Jet Ski e, no começo deste ano, realizou-se o primeiro campeonato oficial, o Campeonato de Ve-

rão, com a primeira etapa em Ilha Bela, a segunda em Caraguatubata e a última, no Guarujá. No entanto, algumas exigências foram feitas: máquinas regulamentadas — importadas através de um acordo entre a Federação e a Kawasaki japonesa — a serem conduzidas em qualquer circunstância somente pelo piloto associado à Federação e com carteira de habilitação para navegação.

Segundo Viviane, "o jet ski não é perigoso pois funciona com turbina de jato d'água, e o maior obstáculo não é o outro competidor, mas o mar e suas condições imprevisíveis". Quanto à regulamentação das provas, Viviane diz que "os homens devem percorrer 80% do percurso em pé, enquanto as mulheres podem percorrer todo o circuito em pé ou ajoelhadas. Mas no próximo campeonato a regulamentação deve ser igualada".

Além das facilidades que o jet ski oferece às mulheres em relação a outros esportes, Viviane acredita existirem outros fatores que justificam sua grande participação. "Elas aproveitam o jet ski do parceiro e correm na prova feminina com a mesma máquina". Isso explica que o número de participantes do sexo feminino tenha aumentado entre as etapas do Campeonato de Verão: Na primeira eram apenas seis mulheres, na segunda o número cresceu para nove e, na terceira, foi para treze ou catorze.

Há ainda um pequeno problema que os pilotos devem resolver antes da próxima competição — conseguir patrocínio. "O jet ski é um esporte de elite, pois além da máquina, que custa algo em torno de oito mil dólares, há os gastos com mecânica, peças (todas importadas), aparelhagem e combustível", explica Viviane. "Mas há empresas grandes que têm um produto novo no mercado que pretendem aproveitar a grande veiculação do jet ski para fazerem suas promoções".

## Projetos brasileiros



Denise, esculturas de cristal de quartzo

Começa dia 17 de abril no P.S. 1, um espaço cultural de Nova York, sempre associado a manifestações inovadoras, a grande mostra de arte brasileira contemporânea intitulada "Brazil Projects".

Denise Milan, artista plástica com background diverso, que inclui o estudo de variadas linguagens de arte na Europa e Estados Unidos, experiências

em vídeo e poesia, integrará a mostra no setor de arte performática, ao lado de nomes como Laurie Anderson, Patricia Bisso, Nam June Paik e Linda Hartman.

Linda, artista americana de vanguarda, é a parceira de Denise na criação e desenvolvimento de uma instalação, a "Garden of Light", pensada a partir da reciclagem de clichês e estereótipos que identificam o Brasil no Exterior e montada com materiais, formas de arte e música tipicamente brasileiros, além de avançadas tecnologias teatrais.

Segundo Denise, Garden of Light é "um jardim mítico que conduz o espectador através de uma misteriosa sequência narrativa descrevendo a busca do Paraíso — ou o Brasil". As esculturas são feitas de cristal de quartzo envolvido em resina de poliéster e colocadas em uma base de metal galvanizado, onde são acopladas lâmpadas que iluminam a estrutura translúcida de quartzo e poliéster.

22

mulherio  
mar. 88

## FARMÁCIA OU JORNAL?

Saúde é a base da vida. No jornal Vida Integral, você encontra a base da saúde.

|  |  |  |
|--|--|--|
| <p><b>1</b> Com Vida Integral você evita despesas médicas e hospitalares. Médicos e terapeutas ensinam tratamentos naturais, seguros, que previnem doenças e restabelecem a saúde, sem riscos de efeitos colaterais.</p> | <p><b>2</b> Cada mês, a indicação da maneira correta de alimentar-se. Você aprende a corrigir distorções na dieta e a perder peso de modo equilibrado, sem regimes drásticos e ameaçadores. Muitas receitas.</p> | <p><b>3</b> Você descobre como tratar de sua aparência com alternativas naturais, econômicas, sem riscos para a pele e a saúde em geral.</p> |
| <p><b>4</b> Em cada edição, médicos, nutricionistas e terapeutas respondem às perguntas dos leitores.</p>  | <p><b>5</b> Vida Integral orienta como deixar o cigarro e bebidas alcoólicas e mostra o caminho de vida saudável e feliz.</p>  | <p><b>6</b> E ainda: entrevistas, artigos, reportagens. Tudo na área de alimentação, ambiente, qualidade de vida.</p>                        |

**NAS BANCAS**

**Vida Integral** Vale por uma farmácia; custa menos que uma receita médica.

## Ruça, a rainha do samba

A Unidos de Vila Isabel não se destacou apenas por ter sido a grande campeã do Carnaval carioca de 88. Ela foi a primeira escola a conquistar o título com uma mulher em sua presidência — Lícia Maria Maciel Caniné, a Ruça.

Com o enredo Kizomba, Festa de uma Raça, composto pelo marido Martinho da Vila, Ruça revolucionou o carnaval carioca, deixando de lado as tradicionais plumas e poeiras para desfilar com materiais mais rústicos, garra e simplicidade, mostrando aos componentes da Vila Isabel que a conquista parte dos esforços da própria comunidade. Na Kizomba — festa, confraternização — que promoveu na avenida, a presidenta da Vila também expressou seu ódio ao governo racista da África do Sul e à política do apartheid.

Filha de militar, de quem recebeu rígida educação, Lícia sempre se mostrou a mais rebelde da família, e aos 22 anos decidiu morar com Martinho da Vila, amigo de seus irmãos, na época sargento do Exército. Em 1970, após abortar um casal de gêmeos que esperava do compositor, mudou-se com ele para um apartamento no Maracanã, Zona Norte do Rio de Janeiro. Com ele teve dois filhos, além de assumir os três de seu casamento anterior. Hoje, ela é também empresária de Martinho.

Ruça, que sempre foi boa aluna, apesar dos problemas disciplinares que enfrentou em todos os colégios que frequentou, declara sua paixão pelos livros e a frustração por ter abandonado o sonho de estudar Arqueologia, graças à censura do pai. Depois de cum-



Ruça, a rainha do Kizomba

prir seu mandato na Vila, pretende terminar a faculdade de História, que trocou ao substituir o capitão Aylton Guimarães, ex-participante do DOI-CODI e atual administrador de uma das maiores bancas de jogo do bicho no Rio, na presidência da escola.

Comunista declarada, embora só militante há cinco anos, Ruça começou seu namoro com o Partido em circunstâncias não muito agradáveis: em 1968, seu irmão foi preso e torturado e, a partir de então, ela jurou não permanecer passiva. Antes mesmo de se filiar ao PCB, ela cedeu sua residência com Mar-

tinho para uma reunião do PC e, apesar de sua conduta ser amplamente elogiada pelos comunistas, ela não pretende se candidatar a nenhum cargo eletivo.

No próximo ano, além de conseguir uma quadra para seus ensaios, a Vila Isabel, sob o comando de Ruça, pretende homenagear o compositor Martinho da Vila que, segundo os manguieirenses, é um dos grandes responsáveis pela vitória da escola. Martinho não se apresentou para desfilar na comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira, justamente o quesito que a colocou em segundo lugar.

## Naam: total assistência

Funciona desde '86 na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP), o Núcleo de Assistência para o Autocuidado da Mulher (Naam), sob a coordenação da professora Tamara Iwanow Ciancirullo, do departamento de Enfermagem Médico-Cirúrgica.

Segundo a doutora, o objetivo maior do Núcleo é a prevenção do câncer ginecológico, mas as atividades não ficam restritas a esse ponto. A tônica do trabalho é a assistência à mulher, desenvolvendo seu potencial de cuidar do próprio corpo. "Recuperamos as formas como ela tem se cuidado sem a interferência dos outros para procurar outros meios que aperfeiçoem essa prática".

As atividades do Naam estão sediadas na cidade de Vargem Grande Paulista, a 50 quilômetros de São Paulo, onde já funcionava o programa de prevenção ao câncer ginecológico, com mulheres cadastradas na região. "As mulheres vão para o exame de Papa Nicolau, são cadastradas e depois recuperadas para o trabalho de grupo", conta Tamara.

A dinâmica do Naam tem início a partir de consultas individuais e da caracterização da problemática de cada mulher. Em seguida, são formados grupos que se reúnem mensalmente, de acordo com os assuntos escolhidos para serem discutidos pelas integrantes. Os que aparecem com mais frequência são: sexualidade, auto-exame de mama e prevenção ao câncer ginecológico.

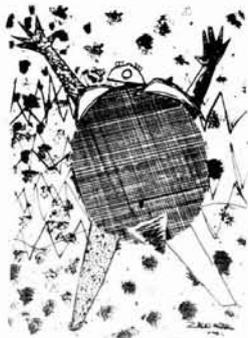
O Núcleo, que atendeu cerca de trezentas mulheres entre outubro e dezembro do ano passado, busca novos recursos para criar um centro de informações sobre práticas de autocuidado e dar continuidade aos quatro projetos que vem desenvolvendo: o estudo dos fatores de risco de câncer ginecológico e as crenças e valores que o envolvem; a verificação da aderência ao tratamento prescrito; a implantação de um banco de dados sobre a mulher paulista e o autocuidado.

A doutora Tamara mostra-se otimista em relação ao trabalho do Núcleo: "Estamos devolvendo para as mulheres o que tem sido feito, e a proposta é que elas mesmas façam o gerenciamento das atividades. Constatamos que qualquer oportunidade que a mulher tenha para colocar suas dúvidas é válida; o que ela precisa é de espaço para discutir seus problemas e interesses".



Teresa Berlinck

## Aborto, avanços e retrocessos



A Inglaterra pode perder o posto de ser o país com prazo mais elástico para a realização do aborto no Ocidente — 28 semanas. Aderindo à onda de revisão de valores éticos, o que propicia uma restrição aos direitos de interrupção da gravidez, o Parlamento inglês aprovou recentemente, em primeira votação, uma lei que reduz o limite legal

para a prática do aborto para 18 semanas.

David Alton, deputado do Partido Liberal responsável pela autoria do projeto de lei votado pelo Parlamento, acredita que "se a nova legislação for aprovada definitivamente, muitos bebês poderão ser salvos". Alton alega também que a medida visa proteger mulheres que herdam sequelas em consequência de abortos realizados em fase adiantada da gestação.

O estopim que levou à rediscussão do assunto na Inglaterra foi o caso de uma criança que sobreviveu a uma aborto na 21ª semana de gravidez no Carlisle City General Hospital, em Londres. Examinada superficialmente pelos médicos e dada como morta, a criança foi batizada por uma enfermeira do hospital. O aborto havia sido realizado a conselho de um médico, que suspeitava de um defeito congênito raro.

Nos Estados Unidos, a situação não é muito diferente. O governo se prepara para adotar uma série de medidas

que restringem o aborto enquanto contraceptivo: entidades de planejamento familiar estão impedidas de utilizar recursos públicos para a prática do aborto e qualquer trabalho assistencial que o encoraje ou recomende está proibido.

No Brasil, onde estatísticas revelam que são praticados de 3 a 4 milhões de abortos por ano e onde mais de 1000 mulheres são vítimas de intervenções sem o amparo legal e sem condições de segurança, os constituintes decidiram manter a lei que só autoriza o aborto em caso de estupro ou risco de vida para a gestante. No entanto, as perspectivas são ainda mais conservadoras: líderes religiosos esperam ver o aborto criminalizado em qualquer circunstância, apesar de a proposta do senador Meira Filho (PMDB-DF), que considerava o aborto um crime doloso, ter sido rejeitada. O plenário alega que a Constituição não deve se manifestar sobre o assunto, a ser regulamentado em lei ordinária.

